

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA (LICENCIATURA)

THAYS CONCEIÇÃO DE JESUS BARBOSA SILVA

**“PRÍNCIPE DE ROMA”: MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DE UM BLOCO
TRADICIONAL DO CARNAVAL DE SÃO LUÍS**

SÃO LUÍS

2016

THAYS CONCEIÇÃO DE JESUS BARBOSA SILVA

**“PRÍNCIPE DE ROMA”: MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DE UM BLOCO
TRADICIONAL DO CARNAVAL DE SÃO LUÍS**

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em
História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique
Monteiro Silva

SÃO LUÍS

2016

Silva, Thays Conceição de Jesus Barbosa.

“Príncipe de Roma”: memórias e transformações de um bloco tradicional do carnaval de São Luís/ Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. – São Luís, 2016.

88 f.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

Orientador: Prof. Fábio Henrique Monteiro Silva.

1.Carnaval. 2.Bloco Tradicional. 3.Príncipe de Roma. I.Título

CDU: 394.25(812.1)

THAYS CONCEIÇÃO DE JESUS BARBOSA SILVA

**“PRÍNCIPE DE ROMA”: MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DE UM BLOCO
TRADICIONAL DO CARNAVAL DE SÃO LUÍS**

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em História.
Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro
Silva

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva (Orientador)

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pois em sua infinita misericórdia e amor, proporcionou-me chegar até aqui, ajudando-me a superar cada obstáculo e renovando a minha força de vontade sempre que pensei em desistir. Sem o seu amor nada seria possível.

A Ricardo Rodrigues da Silva, meu namorado, amor e melhor amigo, muito obrigada por suas palavras de apoio, por nunca me deixar abater e principalmente, por vivenciar essa fase comigo. Serei eternamente grata. Sem a sua ajuda esse trabalho não se concretizaria.

A minha mãe, Nadja Maria Guimarães Barbosa, meu exemplo de profissional e mulher, por toda sua educação e formação. Sem a sua direção, jamais chegaria até aqui, meu amor eterno.

A meu pai, Bernardo Pereira da Silva Júnior, por sua grande sabedoria como pai. Sem seus ensinamentos e amor, não seria a mulher que me tornei. Obrigada, meu grande pai.

A Maria da Graça Guimarães Barbosa, minha avozinha, por sua paciência e satisfação em falar de suas memórias. Obrigada por sua ajuda.

A Rayane Sodré Buhatem, a irmã que Deus me proporcionou escolher e que hoje se encontra ao lado do Pai. Obrigada por seu cuidado comigo, enquanto estive ao meu lado. Sei que   com satisfa o que presenciei mais essa vitória.

A Alberto Baima Barbosa, meu querido av  e inspira o desse trabalho. Obrigada pelo pouco tempo que passamos juntos eternizados em minha memória.

A Taylany Concei o de Jesus Barbosa Silva, única irmã. Obrigada por sua ajuda em minha carreira escolar, com certeza, fez diferença.

A Fábio Henrique Monteiro Silva, meu querido e grande orientador. Obrigada por toda sua paciência no decorrer de sua orienta o, por me atender todas as vezes que solicitado e prestar sua ajuda, sempre com grande satisfa o. Com certeza, sem a sua ajuda, esse trabalho não se realizaria.

A Flávio Ferreira, eterno amigo de gradua o. Obrigada por seu incentivo inicial no curso.

A Sthefane Batista, grande amiga de gradua o. Obrigada por todo seu carinho e solidariedade no decorrer desses anos e para com esse trabalho. Que a nossa amizade seja eterna.

A Marcos Tadeu Silva, grande amigo de gradua o. Obrigada pelos eternos momentos no curso, por sua amizade e considera o.

A Luciano Lima e Flávia Costa, amigos do curso. Obrigada pela disponibilidade em sanar d vidas.

Ao corpo docente do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, por toda formação oferecida nesses quatro anos.

A turma 2012.1 do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, pelos momentos inesquecíveis e que com certeza ficarão para sempre em minha memória.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho. Com a junção da contribuição de todos, sei que esse trabalho foi possível, portanto, muito obrigada.

Se a única coisa de que o homem tem certeza é a morte, a única certeza do brasileiro é o Carnaval no próximo ano.

(Graciliano Ramos)

Resumo

Os “blocos tradicionais” são uma brincadeira exclusiva do Carnaval de São Luís. Entretanto, há uma deficiência quantitativa de trabalhos que versem sobre o assunto. Desta forma, essa é uma pesquisa que objetiva vislumbrar a ambiência de um dos maiores expoentes da nossa festa, o Bloco Tradicional Príncipe de Roma, o príncipe da poesia, da alegria, do mundo e da Madre Deus. Fundado em 1969, por Alberto Baima Barbosa, um amante do Carnaval, e fazendo parte de uma categoria que antes era denominada como Blocos de Ritmo, o “Príncipe de Roma” tem como uma de suas maiores características sua batida cadenciada, contagiante e diferenciadora no folguedo ludovicense. Dessa forma, por meio da dizibilidade dos seus brincantes e simpatizantes, analisamos as transformações do grupo, delineando a história de paixão, dedicação e superação de um dos Blocos Tradicionais mais antigos do Carnaval da Ilha no período entre 1969 e 2016.

Palavras-chave: Carnaval. Bloco Tradicional. Príncipe de Roma.

Abstract

Being the Traditional Groups an exclusive play of São Luis's Carnival and taking in consideration the deficiency of works that deal with the subject, this is a study that aims to envision the ambience of one of the greatest exponents of our party, the Traditional group Prince of Rome, of poetry, joy, of the world and from Madre Deus. Founded in 1969 by Alberto Barbosa Baima, a Carnival enthusiastic, and being part of a category formerly known as Pace Goups; Prince of Rome has as one of its greatest features a rhythmic beat, catchy and distinctive in São Luis's merriment. Thus, through its players and supporters own words, I propose to analyze the transformations of the group, outlining the story of passion, dedication and overcoming of one of the oldest Traditional Groups of our island's Carnival from 1969 to 2016.

Keywords: Carnival. Traditional group. Prince of Rome.

Lista de ilustrações

| | |
|---|----|
| Figura 1: Bloco da Maizena em 2012..... | 35 |
| Figura 2: Bloco Tradicional Os Vampiros em 2012..... | 56 |
| Figura 3: Bloco Tradicional Os Apaixonados em 2016 | 57 |
| Figura 4: Bloco Tradicional Príncipe de Roma em 1982 | 63 |
| Figura 5: Alberto Baima Barbosa no Carnaval de 1983..... | 65 |
| Figura 6: Inácio e Brandão no Carnaval de 1993 | 68 |
| Figura 7: Rodrigo Guimarães no Carnaval de 2003 | 71 |
| Figura 8: Netinho e sua esposa Dinaleia no Carnaval de 2005 | 73 |
| Figura 9: Príncipe de Roma na Passarela no Carnaval de 2006 | 74 |
| Figura 10: Bloco Tradicional Príncipe de Roma no Carnaval de 2016..... | 75 |
| Figura 11: Brincantes do Bloco na comunidade do Goiabal no ano de 2016..... | 81 |

Sumário

| | |
|--|----|
| 1 Introdução | 11 |
| 2 A Tradição no Carnaval Brasileiro | 13 |
| 2.1 A Tradição dos Bailes no Brasil | 17 |
| 2.2 Os passeios entram em cena | 20 |
| 2.3 O Surgimento do Corso: Uma nova forma de passeio | 23 |
| 2.4 O Carnaval no Brasil | 25 |
| 3 A Tradição do Carnaval de São Luís | 29 |
| 3.1 “É no cordão que eu vou”: a tradição dos cordões no carnaval de São Luís | 30 |
| 3.2 Bailes e Clubes: uma tradição dos cordões | 38 |
| 3.3 “Sinta o Som do Batuque Maranhense”: a tradição do Carnaval do Samba em São Luís | 42 |
| 3.4 Carnaval de São Luís: o carnaval de diversos espaços | 47 |
| 4 Príncipe de Roma: “memórias de um bloco tradicional no Carnaval de São Luís” | 50 |
| 4.1 Blocos Tradicionais em São Luís | 51 |
| 4.2 A origem do Bloco Tradicional Príncipe de Roma | 58 |
| 4.3 O ressurgimento do Príncipe de Roma no Carnaval ludovicense | 61 |
| 4.4 Memórias de um Príncipe de Roma no Carnaval de São Luís | 64 |
| 4.5 Transformações do Bloco Tradicional Príncipe de Romo no Carnaval de São Luís | 76 |
| 4.6 O Bloco Tradicional Príncipe de Roma na atualidade | 79 |
| 5 Considerações finais | 83 |
| Referências | 85 |

1 Introdução

A cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, pode ser considerada um verdadeiro berço cultural, expresso em todas as suas manifestações folclóricas. Constituiu-se, assim, um rico patrimônio material e imaterial, destacando-se nesse contexto a participação dos Blocos Tradicionais com ênfase no Bloco Tradicional Príncipe de Roma.

De acordo com os primeiros relatos de Blocos Tradicionais na década de 1930 e participando de um conjunto de manifestações populares que são consideradas legítimas e tradicionais, adota-se neste trabalho o termo “tradicional” no sentido de tradição inventada, como em Hobsbawn e Ranger (1984). A princípio, os Blocos eram denominados como Blocos de Ritmo, sendo só posteriormente denominados como Blocos Tradicionais, o que representa uma busca pela construção e afirmação de uma identidade local no contexto das manifestações já existentes no Carnaval de São Luís.

Os Blocos Tradicionais, como manifestações culturais que são, têm um potencial de influenciar significativamente na construção das concepções culturais de um indivíduo e de seu seio familiar. Diante desta relevância e da escassez de trabalhos que versem sobre o assunto, objetiva-se aqui analisar como ocorreram as mudanças nesses blocos a partir da década de 1980, levando em consideração as discussões acerca das transformações rítmicas, como a aceleração da batida.

Dessa forma, utiliza-se como objeto de estudo o Bloco Tradicional Príncipe de Roma, fundado em 1969, na Rua Padre Roma, no bairro do Lira, por Alberto Baima Barbosa, um apaixonado por Carnaval; busca-se também compreender como ocorreram essas transformações e construir a história do Bloco Tradicional no Carnaval de São Luís, destacando as suas modificações rítmicas, indumentárias e o perfil dos brincantes, no período entre 1969 e 2016.

A abordagem metodológica deste trabalho inicia com a execução de leituras que versem sobre o Carnaval em nível nacional bem como na cidade de São Luís. Faz-se posteriormente o levantamento das fontes em jornais a partir da década de 1950, para assim, iniciar o processo de entrevistas com os brincantes e ex-integrantes do Bloco, tendo como objetivo a construção da sua história e suas modificações.

Como o próprio Antônio Montenegro nos ressalta em seu livro “História oral e memória: a cultura popular revisitada”, *“a história oficial está nos livros e nos documentos,*

nos filmes e nos discursos de dirigentes. Mas ao lado do que a escrita e a imagem registram, existe uma outra visão dos acontecimentos que pode ser recuperada através da memória” (MONTENEGRO, 2003, p. 13). Dito isso, o princípio fundamental deste trabalho será o relato oral dos brincantes, que, por sua vez, irão rememorar suas vivências no tempo, com o Bloco Tradicional Príncipe de Roma. Poder-se-á, assim, compreender como os brincantes forjaram, nesse contexto, sua identidade.

Desta forma, essa composição estará disposta em três capítulos. O primeiro capítulo contempla o surgimento do Carnaval em nível nacional. Utilizam-se obras que trabalham com a origem e o Carnaval no Brasil, colocando o Carnaval do Rio de Janeiro como modelo para as demais cidades, no que se trata da disseminação desse folguedo. Em seguida, busca-se apresentar as diversas fases pelas quais o Carnaval no Brasil passou na cidade do Rio de Janeiro, expondo a sua origem no Brasil, a partir do século XVII, com as suas diversas fases até o século XX.

No segundo capítulo, discorre-se a respeito do Carnaval da cidade de São Luís. Dessa maneira, a partir de obras que trabalham com o tema, recortes de jornais e entrevistas com pessoas que vivenciaram os velhos carnavais ludovicenses, propõe-se delinear como o Carnaval de São Luís consolidou-se em nível nacional. Assim, apresentam-se as diversas fases do folguedo dessa cidade, buscando desenhar um contexto propício para o surgimento dos Blocos Tradicionais em São Luís.

E no último capítulo, não menos importante, apresentam-se a origem, continuidade, transformações e a atualidade do Bloco Tradicional Príncipe de Roma. Visando apresentar a riqueza desses grupos que são exclusivos do Carnaval de São Luís. Retratam-se a história de amor e superação, além da construção de sua identidade, por meio da memória de seus brincantes, de um dos Blocos Tradicionais mais antigos do Carnaval ludovicense.

2 A Tradição no Carnaval Brasileiro

Como tudo na história possui um contexto, com o Carnaval não seria diferente. Dessa forma, é inevitável falar de um objeto que está incluso nessa festa¹, sem lhes falar da procedência da mesma aqui no Brasil. Não se objetiva, entretanto, aprofundar-se acerca das diversas teorias quanto ao surgimento do Carnaval em nível mundial, haja vista a pluralidade de trabalhos sobre o tema, ressaltando-se apenas que é uma celebração muito antiga, desde a Grécia Antiga, com seu rito chegando aos primeiros séculos da Era Cristã, com suas festas pagãs.

Dessa forma, alguns estudiosos sobre o tema trabalham com a ideia de que a festa surgiu em homenagem a Ísis, deusa da castidade, no Antigo Egito, época e lugar nos quais a celebração consistia no ato de levar a praia uma representação de um navio com rodas e lança-lo ao mar. Assim, esse costume de lançar esses pequenos barcos na presença de pessoas, músicos e bebida, teria dado origem ao nome Carnaval: *carrus navalis*², que significa, carro em forma de navio. Esta explicação é, porém, refutada posteriormente por outra teoria, que relaciona a palavra Carnaval à *carne vale*³, “adeus à carne”.

Independente das inúmeras celebrações que já aconteciam há milênios, segundo Felipe Ferreira⁴, a principal característica dessas festas que conseqüentemente originaram a configuração do Carnaval que temos hoje é:

[...] o fato de determinarem momentos especiais do ano, marcados pelo exagero, pelo uso de máscaras e disfarces, pela presença de desfiles e patuscadas, nos quais as comilanças e bebedeiras pareciam escapar de qualquer controle, e pela sensação de que “tudo era permitido” (FERREIRA, 2004, p. 21).

Sendo assim, neste capítulo apresentam-se as diversas brincadeiras participantes de uma festa popular e bastante disseminada em nosso país, ou ao menos, tentar mostrar, o cenário no qual o Carnaval brasileiro se constituiu, para que hoje tenhamos uma festa tão sortida nas diversas cidades.

Levando-se em consideração que antes a palavra cultura referia-se a “alta” cultura e depois incorporou a “baixa” cultura, haja vista que: “o que se qualifica de “erudito” e o

¹ A palavra festa utilizada nesse trabalho sempre irá se referir ao Carnaval.

² Cf. FERREIRA, 2004, p.19.

³ FERREIRA, op. Cit, p. 19.

⁴ Felipe Ferreira. Doutor em Geografia Cultural (IGEO-UFRJ/PARIS), mestre em Antropologia da Arte (EBA-UFRJ) e professor de Cultura Popular no IARTE-UERJ.

“popular” está em permanente processo de ajustes, desajustes, em suma, em movimento” (DOMINGUES, 2011, p. 404)⁵, trabalha-se com a ideia de que a cultura é tudo que pode ser capturado de uma sociedade e que o termo “popular” está incurso na questão da elite, pois:

Cada época recupera e atribui ao popular um sentido, que, em princípio, resulta da disputa ou das relações no interior dos discursos, na medida em que estes discursos se propõem estabelecer determinados imaginários. Dessa forma, um dos aspectos do popular é estar implicado na questão da elite – o não popular – e, conseqüentemente, o primeiro se transforma, enquanto contraponto, em legitimador do segundo (MONTENEGRO, 2003, p. 11).

Portanto, no decorrer deste capítulo, por vezes será mostrado um painel dicotômico com base na elite versus povo. Ao analisar a história do Carnaval aqui no Brasil, percebemos que houve uma busca incessante de espaços por parte das classes populares para sua participação na festa, assim como houve uma tamanha busca por parte da elite em restringir esses espaços para torná-los como exclusivos de uma parte da sociedade.

Embora tenha havido constantes disputas na busca e restrição de espaços no Carnaval aqui do Brasil, tendo em vista a contraposição da elite e o povo, é importante que tenhamos consciência, de que, quando excluimos a elite do contexto da cultura popular: “o que torna a exclusão problemática é o fato de que as pessoas de status elevado, grande riqueza ou poder substancial não são necessariamente diferentes, no que diz respeito à cultura, das pessoas comuns” (BURKE, 2008, p. 46). Considera-se que, em vários momentos da história do Carnaval, teremos uma mistura de todas as “classes”, brincando em um mesmo espaço.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1999)⁶ apresenta três fases sucessivas do Carnaval brasileiro, sendo a mais antiga o Entrudo, um Carnaval organizado pela parentela e vizinhança; o Grande Carnaval ou Carnaval burguês, financiado pelas grandes fortunas locais, permitindo a participação apenas da elite e o Carnaval das Escolas de Samba ou Carnaval popular, fazendo seus desfiles com as camadas inferiores. Não se pretende detalhar cada fase, mas discorrer aqui sobre algumas manifestações ocorridas em cada uma delas, tentando apresentar a construção linear dessa festa aqui no Brasil, partilhando da mesma construção que Ferreira (2004) traçou sobre essa festa em nosso país.

⁵ Petrônio Domingues. Professor adjunto da Universidade Federal de Sergipe.

⁶ Graduada em Ciências Sociais, sendo posteriormente professora-adjunta e professora livre-docente em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Recebendo em 1990, da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), o título de Professora Emérita.

Corroborando com Ferreira (2004), quanto à origem do Carnaval no Brasil, remete-se à chegada dos primeiros colonos portugueses em terras brasileiras, sendo o poder exercido pela Igreja Católica na época notório, fazendo-nos compreender que as festas e feriados religiosos seriam seguidos rigorosamente pela colônia. Logo, nos leva a acreditar que com a chegada dos portugueses, já existiria em nossas terras alguma festividade nos dias que antecediam a Quaresma⁷, ou seja, alguma brincadeira que já pudesse se configurar como Carnaval.

Em seu trabalho *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*, Ferreira (2004) faz referência a um texto datado de 10 de novembro de 1593, quando um indivíduo conhecido como Diogo Gonçalves, afirma:

Em 1553, o casal Diogo Fernandes e Branca Dias, moradores do Engenho Camarajibe, perto da cidade de Olinda, dera de comer algumas tainhas secas a seus trabalhadores, “numa terça-feira de entrudo”. O denunciante prossegue afirmando que o mesmo casal reunira sua gente durante a Quarta-feira de Cinzas e oferecera a todos, como alimento, uma grande porca abatida naquele dia. (FERREIRA, 2004, p. 79).

Analisando-se a citação, pode-se inferir que o fato de já haver menção sobre a obediência e restrições alimentares desse período de Quaresma no Brasil, inclusive ao dia de Entrudo, nos leva a crer que já existia nessa época algum tipo de festividade que antecedia esse período santo.

Dessa maneira, a partir do século XVII, convencionou-se nas principais cidades brasileiras uma forma de brincar o Carnaval, apesar de não ser convencional:

Consistia basicamente em se molhar o desavisado oponente e, sempre que possível, completar o serviço lançando pós variados, tais como o alvaiade (um pó branco usado para pintura de paredes), o vermelhão (sulfato de mercúrio pulverizado e utilizado na composição de tintas), polvilho ou pó de sapato (um pó escuro que entrava na composição da graxa). (FERREIRA, 2004, p. 80).

Delineou-se nessa época, portanto, uma brincadeira que seria por muito tempo predominante no Carnaval brasileiro:

O termo significava “entrada”, segundo dizem, sendo celebrada para festejar a entrada da primavera; muito antes do cristianismo, cobria o mesmo período do ano e era precedida por várias comemorações esparsas no calendário, que a anunciavam. Com a implantação do cristianismo, passou a se realizar do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas (Queiroz, 1999, p. 30).

⁷ Período litúrgico de 40 dias que antecede a Páscoa. Momento de conversão e preparação para a celebração da festa. Inicia na Quarta-feira de Cinzas e termina no Domingo de Ramos.

A princípio havia dois tipos básicos de se praticar o Entrudo, segundo Ferreira (2004): um tinha como local o âmbito caseiro e ocorria entre amigos, sendo designado como “familiar” e outro, tinha como espaço a rua, abrangendo uma população mais pobre e os escravos, sendo denominado pelo autor como “popular”.

Começa-se a perceber o cenário dicotômico do qual se falou no início desse capítulo. Analisa-se que, desde o princípio das primeiras manifestações carnavalescas aqui no Brasil, houve uma busca em se separar espaços e conseqüentemente, a população. No entanto, apesar da vontade da elite em demarcar o seu lugar, perceber-se-á o fracasso em todas as suas tentativas, haja vista que o Carnaval é uma festa de todos e sua magia e beleza consiste na mescla de personagens em um mesmo espaço, sem distinção.

Dessa forma, a divisão proposta por Felipe Ferreira não consiste em uma divisão oficial. Poderia haver diversos pontos de contato entre essas duas maneiras de diversão, nas quais segundo Ferreira (2004), a maioria das casas coloniais culminava nas vias públicas, marcando um ponto comum de encontro. Ainda assim, passado algum tempo, as reclamações contra a brincadeira se tornaram cada vez mais frequentes, principalmente no que se tratava ao Entrudo popular.

Buscava-se, por parte da elite uma forma homogênea e civilizada⁸ de se brincar o Carnaval, na qual tomássemos como modelo o estilo europeu nas manifestações carnavalescas, o que, segundo Cunha⁹:

Ante a velha heterogeneidade do entrudo, postulava-se a homogeneidade de uma festa cuja reinvenção recorria às fontes mais sagradas de uma suposta tradição europeia, que não admitia convivência com o passado “bárbaro” e colonial. Da mesma forma, ante à sociedade rígida e hierárquica dos velhos tempos, que parecia prestes a explodir como um limão de cera, sonhava-se como uma nação moderna, um povo homogêneo e integrado [...] (CUNHA, 2001, p. 85).

Assim, procurava-se por um povo civilizado que pudesse se manifestar de forma polida e integrada, em que caberia a elite esse papel de manifestação ordeira e as classes populares, o papel de assisti-las e admirá-las. Claro que isso não ocorreu, pois as classes populares sempre procuravam uma maneira de se inserir no contexto carnavalesco, utilizando-se de suas próprias formas de manifestação.

⁸ Entende-se por forma civilizada nesse trabalho, toda manifestação proposta pela elite.

⁹ Maria Clementina Pereira Cunha. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), coordenando o Centro de Pesquisas em História Social da Cultura (Cecult).

Entra nesse contexto, uma nova tradição carnavalesca aqui no Brasil, os bailes. Ressalta-se novamente o conceito de “tradição inventada” utilizado por Eric Hobsbawn e Terence Ranger, no qual:

O termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBSBAWM E RANGER, 1984, p. 09).

A tradição tem como objetivo legitimar valores mediante a repetição de rituais antigos, e entra nesse contexto os bailes de máscaras no Carnaval do Brasil, uma maneira de brincar na qual se buscou fazer da melhor forma possível aos moldes dos bailes parisienses. Perpetua-se assim uma tradição não só do Carnaval carioca, mas em todo País, onde os clubes que a alta sociedade frequentava promoviam em seus salões festas luxuosas. Este é um ritual que até hoje, embora não com frequência, muitos clubes nas diversas cidades do Brasil, ressaltando-se aqui a cidade de São Luís, ainda promovem para lembrar os velhos carnavais.

Por se tratar de uma tradição ainda presente com relativa força, discorrer-se-á um pouco mais a fundo esta forma de manifestação.

2.1 A Tradição dos Bailes no Brasil

Diante de uma brincadeira repudiada pela burguesia¹⁰, como o Entrudo, compreendendo “*um conjunto de comportamentos condenáveis aos olhos daqueles foliões encastelados nas Grandes Sociedades e na imprensa do Rio de Janeiro*” (CUNHA, 2001, p. 25), tenta-se seguir agora, por meio da elite, o modelo parisiense de Carnaval. A burguesia via na França um modelo de país a ser seguido, no qual o Entrudo não caberia mais a essa parte da sociedade. Agora, a forma de festejar os dias que antecediam a Quaresma deveria ser de maneira mais contida e sofisticada, e nada melhor do que um desfile de belas máscaras em um baile a sua altura.

Os bailes carnavalescos à francesa passaram a ser uma forma de brincar preponderante da elite em terras brasileiras, conquistando assim o seu espaço na sociedade carioca da época. Essa forma de festejar disseminou-se por diversas regiões do Brasil, sendo durante muito tempo umas das principais formas de brincar o Carnaval pela burguesia em inúmeras cidades brasileiras:

¹⁰ A palavra burguesia e o termo “classe burguesa” empregado nesse trabalho fará referência a elite.

Todos esses bailes eram eventos sofisticados, com regras de comportamento, como a proibição de fumar, a obrigatoriedade de se fazer silêncio durante as danças e a reserva do salão exclusivamente para quem estivesse mascarado. O controle era a tal ponto rigoroso que existia até uma “polícia da sala” encarregada de fazer cumprir o regulamento. (FERREIRA, 2004, p. 110)

Iniciou-se assim, a organização de bailes aos moldes parisienses, passando ser obrigatório também o uso de outra indumentária, entrando em cena uma tradição antiga do Carnaval brasileiro: a fantasia. Deixavam-se de lado, assim, as roupas formais, segundo Roberto Da Matta¹¹:

O contrário ocorre na fantasia carnavalesca, que revela muito mais do que oculta, já que uma fantasia, representando um desejo escondido, faz uma síntese entre o fantasiado, os papéis que representa e os que gostaria de desempenhar. (DA MATTA, 1997, p. 6).

Com isso, a fantasia surge como uma forma do folião libertar-se nesse período, dando asas a sua imaginação, personificando em suas vestes aquilo que tem vontade de ser ou fazer. Nasce assim, nessa época do ano¹², personagens antagônicos que se juntam na brincadeira de forma saudável e mágica, algo que não aconteceria em dias convencionais:

Como se observa, o conjunto dos personagens criados pelas fantasias de carnaval não é homogêneo. Isso significa que o campo formado pelo carnaval e, sobretudo, pelos costumes usados durante o carnaval não é uniforme e fundamentado em princípios de ordenação unívocos, como é o caso das fardas do Dia da Pátria. Ao contrário, tal campo é heterogêneo e, frequentemente, as fantasias atualizam combinações totalmente não-gramaticais do cotidiano da cultura brasileira, como é o caso das fantasias usadas nos desfiles das escolas de samba ou aquelas que acentuam componentes homossexuais. É, pois comum encontrar, durante o carnaval, um “bandido” bailando com um “xerife” ou uma “caveira” com uma moça. É justamente essa combinação e essa junção de representantes simbólicos (ou reais) de campos antagônicos e contraditórios que constitui a própria essência do carnaval como um rito nacional. (DA MATTA, 1997, p. 6).

Embora fossem bem diferentes os bailes à fantasia do início do século XIX com o que vemos atualmente, foi nessa época que se estabeleceu no Brasil essa forma de brincar, claro, adequando-se ao contexto social com o passar dos séculos. Tecendo um comentário sobre as mudanças de trajes, Queiroz (1999) nos relata que a roupagem foi se tornando

¹¹ Roberto Augusto Da Matta. Graduado e licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, possuindo mestrado (Master in Arts) e doutorado pela Universidade Harvard.

¹² Período carnavalesco que ocorre todos os anos no Brasil.

sumária, os homens passam a simplificar mais os seus trajes: calças compridas, camisas de mangas curtas, um colar havaiano e o resto fica “por conta da alegria”¹³.

Reunindo cavalheiros e damas das mais consagradas famílias, em seus melhores trajes ou fantasias, os bailes tornaram-se um verdadeiro sucesso no Brasil. Incorporou-se a essa nova forma de festejar uma brincadeira bem comum nos bailes franceses do século XIX, a intriga:

Parte inseparável dos bailes à fantasia desde o início do século XIX, a intriga consistia, basicamente, em uma espécie de conversa entre uma mascarada (na maior parte das vezes o papel de intrigante era ocupado por uma mulher) mantida em anonimato sob uma fantasia de dominó, e algum participante do baile, geralmente um senhor de aspecto respeitável, que tivesse sido reconhecido e identificado pela intrigante. (FERREIRA, 2004, p. 113).

Essa brincadeira, portanto, disseminou-se nos bailes brasileiros, fazendo um grande sucesso e dando um ar de mistério as fantasias. Os jovens ficavam na expectativa por quem seriam abordados e quais conversas iriam estabelecer, além de capricharem em suas fantasias para que não fossem facilmente reconhecidos.

Diante de tanta sofisticação encontrada nos bailes, tendo como atrações montagens teatrais e cenográficas magníficas, a elite resolve colocar-se ainda mais à distância de brincadeiras populares que pudessem de alguma forma “contaminar” o seu espaço. Ocorrendo, gradativamente, a designação da palavra “Carnaval” para se referir aos bailes sofisticados promovidos pela elite, relegando às brincadeiras populares, o nome de Entrudo.

Devido ao grande sucesso dessa nova forma de festejar, surgem nesse cenário, bailes diversificados, para todo o tipo de público que pudesse pagar por sua entrada e fantasia, excluindo assim as camadas populares que deveriam se conformar em sua participação na condição de “serviçais dos foliões”.

Analisando esse novo cenário carnavalesco, as camadas populares também não vão se eximir de brincar nesse novo contexto. No final do século XIX, pôde-se encontrar uma separação sólida entre os bailes frequentados pela elite e aqueles que são promovidos para as classes tidas como intermediárias e que estarão mais propícios às influências populares: “*Os bailes públicos passam a incorporar boa parte do espírito saudavelmente esculhambado do Entrudo Popular, enquanto que os bailes privados das classes mais abastadas tornam-se*

¹³ Cf. QUEIROZ, 1999, p. 124.

cada vez mais eventos fechados e exclusivos” (FERREIRA, 2004, p. 127). Queiroz ressalta também algumas características desses bailes “populares”:

Reúnem em geral entre duas mil e cinco mil pessoas; nele são encontrados, além dos cariocas, grande quantidade de turistas vindos de outros Estados ou do exterior. Não raro a quantidade de ingressos vendidos ultrapassa o que comporta o salão; a polícia pode então ordenar o fechamento das portas, assim que o considere lotado, deixando de fora os retardatários, sem se comover com seus protestos, o que não raro ocasiona conflitos (QUEIROZ, 1999, p. 126).

Mas ainda que a elite se utilizasse dos bailes e espaços cada vez mais fechados para fazer uma separação mais sólida das camadas populares e restringir o Carnaval a uma festa mais elegante e, voltada para a classe burguesa, o Entrudo não perdeu tanta força e nem deixou de existir, ainda era uma brincadeira constante no âmbito familiar, à qual muitos eram adeptos. Assim, a elite precisou encontrar novos meios que pudessem acabar definitivamente com essa brincadeira que era considerada grosseira e perpetuar outra que pudesse vigorar e entrar na graça da classe burguesa.

2.2 Os passeios entram em cena

Na primeira metade do século XIX surgem os passeios à fantasia, uma manifestação que posteriormente passaria a ser considerada pela elite como a verdadeira festa de Carnaval, bastando perceber a busca ininterrupta por parte da burguesia por um espaço seu, que não viesse a ser popularizado e fosse considerado como a festa legítima.

O primeiro evento oficial na cidade do Rio de Janeiro ocorreu em 1855, quando um grupo de amigos que se intitularam Congresso das Sumidades Carnavalescas sai às ruas apresentando o seu desfile, tentando colocar o Entrudo como uma festa anti-carnavalesca e grosseira:

Os primeiros passeios de grupos de pessoas fantasiadas pelas ruas das cidades se deram, como já vimos, com as sociedades organizadoras de bailes carnavalescos que decidiram reunir seus sócios em suas sedes para que todos seguissem juntos até os locais das festas. Diferentemente dos máscaras que passeavam pelas ruas aleatoriamente, escolhendo seus caminhos de acordo com sua conveniência, os membros das sociedades estabeleceram uma espécie de itinerário, fixado antecipadamente, que partia da sede da entidade em direção ao teatro onde o baile teria lugar. (FERREIRA, 2004, p. 139).

Passa a vigorar uma nova forma de brincar o Carnaval. O Carnaval dos passeios, proveniente dos clubes é algo mais concentrado e articulado, de forma a ter uma organização espacial. Essa nova forma de festejar vai desembocar em algo que permanece até hoje em

nossa festa, independente da região: espaços privilegiados que fossem específicos para comemorar esse folguedo. Diferente do Entrudo, que não tinha um itinerário preestabelecido: “*Os passeios, ao contrário, tinham necessariamente que privilegiar umas ruas em detrimento de outras.*” (FERREIRA, 2004, p. 163).

A princípio essa nova brincadeira foi incorporada as ruas pela elite como uma forma de se prevalecer e dominar a brincadeira do Entrudo. Mas as camadas populares, como sempre, logo vão procurar uma maneira de se inserir nesse novo contexto carnavalesco, o que não será visto com bons olhos pelos membros da elite, mas ainda assim, não impedirá a participação popular nessa nova fase:

As camadas populares, por sua vez, incorporam o modelo dos passeios mais sofisticados às brincadeiras dos negros e das classes menos favorecidas, como os desfiles de congos, os batuques e os tambores, fazendo com que surgissem as mais variadas combinações de tipos de brincadeiras pelas ruas do Rio de Janeiro. (FERREIRA, 2004, p. 190).

Em suma, o Carnaval passa agora a contar com a grande variedade de grupos, fazendo uma mescla que contribui para a diversidade. Contando não só com a elite, mas com as camadas populares, dançando suas músicas e improvisando suas fantasias. Mostra-se que, apesar da burguesia se utilizar de meios para restringir a sua participação, esta nunca pôde ser abolida.

Em vista disso, levando em consideração o estudo de Bhaktin (1996) sobre o Carnaval na Idade Média, em que discorre que ao tratarmos de manifestações carnavalescas e as inúmeras brincadeiras provenientes dessas manifestações, tem-se como objetivo o riso, pois “*as festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana*” (BHAKTIN, 1996, p. 07); temos, a busca incessante por parte do ser humano, por uma maneira de se satisfazer da forma como mais lhe fosse conveniente, o importante era estar feliz consigo e com quem estivesse a sua volta.

Diante de toda essa heterogeneidade e sem conseguir excluir de fato, o Entrudo das festividades carnavalescas, a elite resolve agora não mais “bater de frente” e sim, reorganizar a festa, buscando inserir ao Carnaval elementos que faziam parte do Entrudo:

O processo de organização da nova festa carnavalesca do século XX dar-se-ia não somente sobre as múltiplas formas assumidas pelas brincadeiras até então, mas também através da reordenação do espaço festivo, com a imposição gradativa de regulamentações cada vez mais precisas. (FERREIRA, 2004, p. 229).

A partir do momento em que ocorre essa incorporação ao Carnaval, vai ocorrer gradativamente, a partir das primeiras décadas do século XX, novos conceitos que Maria Isaura Pereira Queiroz (1999), em sua obra “*Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*” denominará em dois tipos de carnavais: “Grande Carnaval” e “Pequeno Carnaval”.

Segundo a autora, o “Grande Carnaval” abrangia as Grandes Sociedades, ou seja, a elite, com suas batalhas de confete e o corso. Já o “Pequeno Carnaval” incluía os grupos populares com seus grupos, clubes, blocos, ranchos ou cordões, denominações que vou explicar no próximo capítulo mais detalhadamente. Assim, essa distinção ocorrerá não pela forma como cada grupo se manifestava, mas por quem participava de cada Carnaval. Lembra-se que esta configuração foi estruturada no Rio de Janeiro, onde, segundo a autora, era o modelo de Carnaval para as demais cidades do Brasil.

Essa nova estruturação da festa carnavalesca no Brasil conta agora com um projeto feito pela própria elite, tendo em vista que, durante muito tempo a mesma tenha lutado contra a incorporação de brincadeiras consideradas populares e grosseiras. Agora, a própria burguesia, a partir do século XX, passa a buscar formas de incorporar essa diversidade carnavalesca, de uma forma que a sua brincadeira não deixe de vigorar e ela continue comandando o espaço como um todo.

Destaca-se assim a designação de nomes como uma forma de separar as brincadeiras em classes, por exemplo:

Enquanto a palavra “grupo” continuava sendo utilizada genericamente para qualquer forma de brincadeira do Pequeno Carnaval, os outros termos – como cordões, ranchos e blocos – começavam, paulatinamente a ser cada vez mais usados para definir formas de divertimento que tendem a se tornar mais específicas. (FERREIRA, 2004, p. 230).

Portanto, analisamos nesse contexto que o Carnaval é uma festa única, cheia de suas peculiaridades, culminando em ideias como a de Da Matta sobre a teoria do reflexo invertido e da dramatização múltipla:

O ponto de partida é que o carnaval cria não só os seus vários planos, mas seu próprio plano. Ou seja, o carnaval – como o teatro, o futebol, o jogo e as situações em geral – inventa seu espaço social, que embora possa estar determinado, tem suas próprias regras, seguindo sua própria lógica (DA MATTA, 1997, p. 88).

O Carnaval é visto, assim, como uma época do ano em que as regras mudam e parte da população passa a vivenciar um novo contexto. Por quatro dias, vive-se em um mundo

com novas regras e uma forma específica de “jogar”, na qual o grande segredo consta em entrarmos nesse novo cenário, sem nos perguntar o que nos espera amanhã, mas vivenciar da melhor forma o hoje. Entra em cena agora no Carnaval do Brasil, uma outra forma de brincar.

2.3 O Surgimento do Corso: Uma nova forma de passeio

Após as reformas pela qual a cidade do Rio de Janeiro passou, logo nas primeiras décadas do século XX, com uma nova estruturação das avenidas, tornando-as mais largas, como por exemplo, a Avenida Central e sua continuação com a Avenida Beira-Mar, entra em cena, segundo Felipe Ferreira (2004), mais uma maneira de brincar o Carnaval, que ficou conhecida como “Corso”.

O Corso entra nesse novo cenário como se fosse uma reestruturação dos antigos passeios, já aqui abordados. Ocorre que, no início do século XX, o Brasil está entrando em um novo momento, com a sua capital reformada, propiciando assim largas avenidas com dois sentidos de rolamento, entrando nesse contexto para desfrutar dessa nova configuração os automóveis.

A elite tinha agora dois fatores que colaboravam diretamente para o surgimento de uma maneira de brincar mais elegante: avenidas largas nos moldes parisienses e automóveis, um meio aquisitivo caro e que só poucos poderiam obter e desfrutar dessa nova forma de festejar durante os dias de folguedo. No primeiro momento, a burguesia pôde encontrar no Corso uma forma bem restrita de brincadeira, desejo pelo qual ela nunca escondeu:

A remodelação do centro do Rio de Janeiro no início do século XX servira, desse modo, para criar um local bastante acolhedor para a nova elite, que rapidamente retomou o espaço da folia, rebatizando o velho “passeio”, a antiga “promenade”, com o novo nome de corso (FERREIRA, 2004, p.237).

Dessa forma, a nova manifestação ganhou um espaço considerável nesse novo cenário. Tornou-se assim uma ótima forma de socialização entre as famílias da burguesia, ocupando as laterais das avenidas em grandes filas de viaturas que tinham como objetivo desfilar toda a extensão e restringir aos grupos populares “[...] *o espaço compreendido entre a fila contínua de veículos e os canteiros centrais da avenida*” (FERREIRA, 2004, p. 238).

Significando que as brincadeiras populares¹⁴ não poderiam atrapalhar o fluxo do Corso, a brincadeira da elite ocupava toda a extensão das avenidas nos dias de Carnaval, ocorrendo à liberação do espaço apenas para os desfiles das “Grandes Sociedades”. Entra em cena, portanto, um fator de extrema importância para o mundo ritual: a marcha, na qual o desfile torna-se fundamental, apresentando-se como uma forma espetacular de se brincar:

No mundo ritual, ou melhor, no mundo deslocado do rito e da consciência, ocorre uma diferença fundamental: é a marcha que se torna importante. De fato, tudo indica que, nesse contexto, é menos importante o sair e o chegar do que a própria caminhada, que passa a ser o elemento realmente ritualizado e, por isso mesmo, pleno de consciência (DA MATTA, 1997, p. 102 e 103).

Partilhando da ideia de Da Matta, temos agora uma “marcha” em excelência, importando a magia do percurso, o desfile em si. A elite poderia desfilar agora em seus automóveis, nos seus melhores trajes importando do Carnaval de Nice uma brincadeira bastante elegante e bem sofisticada: a batalha de flores¹⁵.

Não vingando no Carnaval do Brasil, logo a brincadeira foi substituída pela batalha de confetes, que não tinha um caráter tão elegante, mas foi incorporada pela elite nos desfiles dos Corsos, e com uma diferença marcante: “*Enquanto as batalhas de confete eram eventos mais exclusivos e organizados, com local, data e duração definidos, o corso era mais livre, ocupando todos os espaços nobres do Carnaval*” (FERREIRA, 2004, p. 241). Ainda assim, serão duas brincadeiras que farão parte intrínseca uma da outra e sendo bem aceitas pela elite.

Mas, como já se percebe no decorrer desse capítulo, as brincadeiras propostas pela elite com a intenção de fazer uma separação entre “dois carnavais”, como foi denominado por Maria Isaura Pereira Queiroz (1999), sempre acabavam se popularizando e com o Corso e conseqüentemente a batalha de confetes não foi diferente.

Mediante a popularização do automóvel, processo no qual adquiri-lo passava a não ser de grande dificuldade, esse meio de transporte deixou de ser sofisticado e restrito a elite: “agora”, já havia concursos de loteria, em que a premiação eram carros e anúncios nos jornais de aluguéis dos mesmos para o período carnavalesco. A população geral poderia fazer seus desfiles e esbanjar dos olhares da plateia, assim como a burguesia. Com isso, gerou novamente: “*o desinteresse da burguesia, que mais uma vez retirava-se da festa nas ruas no*

¹⁴ Entende-se por brincadeiras populares nesse contexto todas as formas de manifestações que eram repugnadas pela elite.

¹⁵ Consistia em um passeio pela avenida, onde os foliões desfilavam em carros abertos e durante o trajeto arremessavam flores de um carro para outro, promovendo assim, uma batalha de flores.

momento em que o resto da população do país caía de cabeça na folia” (FERREIRA, 2004, p.242).

2.4 O Carnaval no Brasil

Diante do que já se discorreu até o momento, pode-se conceber a constante busca da elite por um espaço restrito para fazer suas brincadeiras, assim como a constante busca por parte da população em geral de se inserir no contexto em que a elite teimava impedir. Mas ainda que houvesse esse cenário de separação, encontramos sempre um ponto de ligação entre essas duas classes, o que acaba por tornar o Carnaval uma festa popular, na qual o espaço torna-se de todos, a inversão se mantém como uma regra, a parceria de personagens dicotômicos vira uma grande diversão prazerosa, tornando o local onde tudo isso acontece um mundo fantástico, permitindo as coisas mais inusitadas: *“O carnaval requer – seja na rua, na viela, na praça ou na avenida; seja no clube, na escola ou em casa – um espaço próprio”* (DA MATTA, 1997, p. 111).

Dito isso, vai entrar nesse cenário a partir do século XX, algo que a princípio não foi visto com bons olhos e nem aceito pela população, tanto no Rio de Janeiro, quanto no Carnaval de São Luís – tema do próximo capítulo - o aparecimento de palanques e arquibancadas para a população apreciar de forma mais organizada o desfile.

Embora a grande maioria tenha se rebelado contra a construção, com o passar dos anos, os palanques e arquibancadas tornaram-se comum no Carnaval do Brasil. Fazendo parte intrínseca, por exemplo, do circuito do Carnaval maranhense, no qual em cada lugar participante do corredor da folia, monta-se um palanque para receber os Blocos Alternativos, Escolas de Samba, Blocos Tradicionais, Tribos de Índio, enfim, os grupos que fazem parte da festa carnavalesca. A exemplo disso, pode-se citar uma reportagem do jornal O Estado do Maranhão, que relata bem o objetivo dessas arquibancadas no Carnaval de São Luís, podendo abarcar o objetivo das mesmas, no Carnaval das outras cidades brasileiras:

Teve início ontem pela manhã os preparativos para a montagem das arquibancadas [...] destinadas a receber o público por ocasião das entidades carnavalescas. O trabalho, com a supervisão da Comissão Organizadora do Carnaval, sendo feito em ritmo bastante acelerado [...] com previsões, deverá estar inteiramente concluída na sexta-feira vindoura. A arquibancada tem aproximadamente 60 metros de comprimento [...] consta também na margem da praça Deodoro a construção de camarotes e palanques, destinadas, para emissoras de rádio e televisão e autoridades (O ESTADO DO MARANHÃO, 1983, p. 13).

Passa-se agora para uma nova configuração dessa festa aqui no Brasil, onde já não basta mais a interação das pessoas brincando nas ruas ou nos clubes: precisa-se agora de uma plateia. As brincadeiras são preparadas nesse contexto, não só para o divertimento de quem participa, mas para quem está olhando, em um espaço feito propriamente para isso: as arquibancadas.

Assim, tomando-se como exemplo São Luís, começa-se a montar arquibancadas e palanques em cada ponto da cidade que fizesse parte do circuito. Dessa forma, as brincadeiras poderiam contar com um aparato maior para a montagem de seu som e fazer um espetáculo para quem vinha prestigiá-la. Este cenário está presente até hoje no Carnaval ludovicense, assim como na maioria das cidades de nosso país.

Portanto, compreende-se que há a necessidade de um espaço para a celebração dessa diversidade de brincadeiras, fazendo-se perceber que o Carnaval é um espaço múltiplo:

A multiplicidade de eventos que ocorrem simultaneamente num mesmo espaço, típica de rituais de inversão como o carnaval, ajuda a transferir as lealdades mais fortes – da família, da casa, da classe etc., essas identidades sociais permanentes e cotidianas – para uma situação, um contexto específico que se define como altamente dramático porque nele ocorrem (entre outras coisas) muitas ações ao mesmo tempo. Não há uma ordem de “entrada” ou de “saída”, como num palco de teatro, ou num evento ordenado em rotina. O mundo social assim representado passa, então, a ter um ritmo e uma intensidade maiores e muito mais abertos do que o nosso sistema de classificação pode simplesmente digerir (DA MATTA, 1997, p. 116).

No Carnaval brasileiro, como já citado, a importância não consiste no ato de entrada e saída, mas quando se está inserido no espaço do circuito festivo. Fazer parte da brincadeira, receber os olhares incessantes daqueles que estão nas arquibancadas, caso se esteja desfilando ou poder brincar com igualdade consistem pontos culminantes do folguedo. No Carnaval permite-se, por mais que a busca em se separar e demarcar espaços seja contínua, a integração das classes, na qual percorrer toda a extensão de um circuito proporciona o esquecimento de problemas e a entrada em um mundo fantástico de diversão e prazer, em que se “acaba” por dias o preconceito de classe e cor, fazendo uma festa que abraça a todos, sem exceção.

O Carnaval é, portanto, segundo Da Matta (1997) um ritmo sem dono. Pois: “*Além desse espaço que gera um caminhar despreocupado, sem destino e – por isso mesmo – altamente consciente, ritualizado e alegre, o carnaval é um momento sem dono, posto que é de todos*” (DA MATTA, 1997, p. 118). Por isso, insiste-se na assertiva do folguedo ser uma festa de todos. Não há motivos para restrições quanto a classe e a cor em uma festa popular,

na qual a graça da manifestação, apoia-se no riso, como já falei antes. O que os brincantes procuram nessa época é espairecer e esquecer tudo aquilo que lhe aflige, construir novas amizades, mesmo que essa dure apenas quatro dias, mas fazer desse período único e dessa experiência algo fascinante e que fique marcado em sua memória.

É algo certo que quase todos ao serem questionados por um momento que tenha lhe marcado no Carnaval, tenha alguma história para contar. É incrível como essa festa marcou e marca de alguma forma a memória de quase a maioria dos brasileiros. Dessa forma, em entrevistas que serão relatadas no segundo capítulo, pude perceber que a memória individual, compartilhando do mesmo pensamento de Halbwachs (2006) não está inteiramente fechada e isolada:

Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos, num momento do tempo, ou seja, nossa memória coletiva também é assim, mas esses limites não são os mesmos, podem ser mais estreitos e também muito mais distanciados (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Logo, toda recordação pessoal, por mais restrita que seja, em que só a pessoa tenha vivenciado o momento, coexiste com um aglomerado de ideias que tantas outras pessoas possuem, pois cada indivíduo está inserido em um contexto social e sofre interferência de diversos fatores externos, seja da família, da mídia ou amigos, pois fazemos parte de uma sociedade, que, querendo ou não, nos molda.

Depois de abrir esse parêntese, volta-se ao que foi discorrido nesse capítulo: a origem do Carnaval brasileiro, e como ele vem se consolidando no decorrer dos séculos. Utilizando a cidade do Rio de Janeiro como modelo de Carnaval para as demais cidades brasileiras, segundo Felipe Ferreira:

O carnaval carioca, desse modo, passa a ser copiado por outras cidades importantes da época, como Recife, Salvador, São Paulo, Belém, Fortaleza ou Florianópolis, por exemplo. O processo de assimilação ocorrido em cada uma dessas cidades, entretanto, seria tão dinâmico quanto o que aconteceu com o carnaval parisiense em relação ao Rio de Janeiro. Ou seja, a partir de um movimento inicial de “imposição” de um formato festivo, cada uma das cidades brasileiras redefiniria a festa carnavalesca a seu modo. Assim, a influência carioca sobre o Carnaval de São Luís do Maranhão ou de Porto Alegre, por exemplo, não precisa ser vista como uma ação externa imposta sobre uma verdade indígena, pois, do mesmo modo como o Rio de Janeiro assimilou a festa francesa e a transmutou no Carnaval carioca, as capitais maranhense e gaúcha incorporariam as brincadeiras em seus projetos carnavalescos

peculiares, unindo todos os seus saberes festivos e transformando-os em brincadeiras carnavalescas únicas. (FERREIRA, 2004, p. 222).

Em vista disso, corrobora-se neste trabalho da ideia de que o Carnaval de São Luís recebeu a influência carioca, o que não significa que ele incorporou, sem transformações, a maneira de brincar o Carnaval no Rio de Janeiro, sem colocar suas peculiaridades e transformar à sua maneira única de festejar. Diante disso, embora se concorde que houve um modelo base que delimitou os parâmetros a serem seguidos pelos grupos e brincadeiras, trabalha-se de forma que, o Carnaval de São Luís possui sua tradição e forma peculiar de festejar. Uma história de Carnaval na qual residem brincadeiras únicas que permeiam até os dias atuais. Estes tópicos serão discutidos no próximo capítulo.

3 A Tradição do Carnaval de São Luís

Nesse capítulo dar-se-á ênfase ao Carnaval de São Luís do Maranhão, festa na qual o objeto desta pesquisa está inserido: o Bloco Tradicional Príncipe de Roma. Dessa forma, tem-se como objetivo discorrer nos tópicos que seguirão elementos que fazem parte do Carnaval ludovicense, ressaltando as brincadeiras do período colonial até os dias atuais, em uma tentativa de evidenciar que o Carnaval de São Luís, assim como o carioca, é uma festa heterogênea, que sofreu mudanças e ainda tem permanências de elementos do passado.

Sendo assim, utilizando da divisão que Ananias Martins¹⁶ fez do Carnaval ludovicense em sua obra “*Carnavais de São Luís*”, busca-se mostrar em uma ordem cronológica, elementos que contribuíram para o surgimento dos Blocos Tradicionais, tendo em vista que em alguns momentos serão relatadas memórias da infância da autora deste trabalho, assim como declarações de pessoas mais velhas, não deixando de levar em consideração a deficiência de fontes que relatem como surgiu essa brincadeira tão peculiar e que só é encontrada no Carnaval de São Luís do Maranhão. Portanto, busca-se delinear um cenário que propiciou o nascimento desses blocos, apresentando fatores marcantes que estão inseridos nessa festa carnavalesca.

Seguindo a linha de raciocínio de Ananias Martins, trabalha-se com a divisão do Carnaval de São Luís em três fases: “*Carnaval Colonial*”; o “*Carnaval dos cordões*” e o “*Carnaval do Samba*”, das quais serão enfatizados o *Carnaval dos Cordões* e o *Carnaval do Samba*, mostrando assim que o modelo carnavalesco empregado no carnaval ludovicense: “*foi construído, desconstruído e reconstruído de tempos em tempos, conforme mudanças na organização e estrutura social com as tendências de época*” (MARTINS, 2013, p. 23). Percebe-se no decorrer do capítulo que há permanências de uma fase para outra, assim como mudanças; mas sempre se levando em consideração que:

Não se pode ingenuamente defender uma formação cultural isolada, sem interação, original por força do orgulho, já que São Luís do Maranhão, em parte isolada pelos iniciais tempos de colônia e em parte integrada ao convívio social da nação nos tempos imperiais, nunca deixou de ser elemento de um todo definido, por uma tipologia comum, de formação do que se chama “povo brasileiro”, ao menos nas regiões em que as características se forjaram representativas do tipo popular [...] (MARTINS, 2013, p.19).

¹⁶ Ananias Alves Martins. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Logo, percebe-se no decorrer desse capítulo que o Carnaval ludovicense é inerente ao Carnaval brasileiro, porém com suas peculiaridades, brincadeiras irreverentes e que só aqui são encontradas. Folia, modo de dançar e bater que, se fecharmos os olhos e nos deliciarmos com o som do batuque, identificamos como: “esse é o som do batuque maranhense!”

3.1 “É no cordão que eu vou”: a tradição dos cordões no carnaval de São Luís

Designada por Ananias Martins (2013) como *a fase mais rica e complexa*¹⁷ do Carnaval de rua de São Luís, teve como espaço cronológico os fins do século XIX até a década de 1970, quando se discorre sobre as brincadeiras que fizeram parte dessa fase, sem ater-se a uma ordem de tempo linear, mas buscando mostrar quais proporcionaram a passagem para o Carnaval do Samba que teve como consequência o surgimento das Turmas.

Os cordões de carnavais consistiam basicamente em grupos de pessoas mascaradas e fantasiadas de diversos personagens, as quais vinham sob o comando do apito de um mestre, fazendo seus passos e cantando suas marchinhas de forma ritmada, perpetuando um grito que até hoje escutamos em músicas de Carnaval maranhense: “o *Querê, Querê, Querê, ó Ganga*”¹⁸.

Como autora deste estudo e parte integrante do Carnaval de São Luís, pessoalmente me lembro das histórias contadas por minha avó, nas quais a felicidade na época de sua juventude consistia em ver as brincadeiras de rua, já que seus pais não a deixavam participar, como: fofões, brincadeiras de Urso, a Casinha da roça e o Corso. Ao ser questionada sobre o Baralho, Maria da Graça Guimarães Barbosa, mais conhecida como Santa, de 80 anos, assídua participante do Carnaval ludovicense e viúva do fundador do Bloco Tradicional Príncipe de Roma, responde: “*Aquilo foi uma loucura, tudo desorganizado, minha mãe costumava falar! Gostava mesmo era dos bailes de máscaras*” (BARBOSA, 2016, s.p.). Diante dessa declaração, pode-se perceber o quanto a mídia, na época resumida aos jornais e ao rádio, exerce uma considerável influência sobre a memória de uma população, fazendo com que conceitos transmitidos pela mídia se mesquem com a sua vivência e lembranças de sua memória, ocorrendo o que Antonio Torres Montenegro destaca:

¹⁷ Cf. MARTINS, 2013, p. 71.

¹⁸ Como se fosse um grito de guerra exclamado até hoje pelos Blocos ludovicenses quando saem em arrastão pelo Carnaval de São Luís.

Quando um fato público ou a história oficial teve um registro nas lembranças da população (principalmente dos velhos), houve uma associação entre o acontecimento ou fato histórico narrado e suas vidas. É sempre ou quase sempre em decorrência dessa interferência que as marcas da memória se constituem (MONTENEGRO, 2003, p. 74).

O Baralho foi uma brincadeira bastante singular do Carnaval de São Luís, na qual José de Ribamar Sousa dos Reis faz uma descrição em seu livro *“Folclore maranhense”*:

Era uma brincadeira típica do carnaval maranhense, aquele famoso carnaval de outrora, conhecido como o terceiro carnaval do País. Sua composição era, na sua grande e/ou quase totalidade, de negros que pintados na sua essência de goma de tapioca, empunhando sombrinhas, chapéus de sol desmantelados, sem pano etc., percorriam as ruas da cidade numa algazarra demoníaca, acompanhados de reco-recos, pandeiros e violões, faziam a festa (REIS, 1999, p. 59).

Diante da descrição pode-se perceber que o Baralho não era uma brincadeira bem quista pela elite. Surgiu na segunda metade do século XIX e possui como cenário a integração dos negros na sociedade. A brincadeira entrou para o século XX ainda sem ser vista com bons olhos pela burguesia, o que colaborou na construção de uma lembrança ruim para os mais velhos quando discorrem sobre a brincadeira. Assim, pode-se perceber o quão importante é o setor midiático na construção da memória de uma população, levando esse fator em consideração durante a análise e escrita. Ressalta-se ainda um trecho de José de Ribamar Sousa dos Reis:

Faz-se constar apenas para registro, porque o Baralho é um dos folguedos que a geração maranhense nascida nos anos quarenta não teve intimidade, a não ser conhecimento através de uns poucos informes deixados por estudiosos e/ou artigos de jornais ludovicenses. (REIS, 1999, p. 59).

Tendo em vista que o Carnaval Colonial tinha sua primazia nos autos de carnavais, com uma mescla de manifestações portuguesas e africanas, ocorriam brincadeiras que se tornariam típicas do Carnaval. Três delas são definidas por Araújo (2001): o Congo, que tinha sua origem nas irmandades religiosas, dramatizando a coroação de reis negros e rituais de magia negra, com a ressurreição da princesa morta, a Caninha Verde, com uma dramatização parecida à das quadrilhas, apresentando o auto de casamento, sendo os reis os pais da noiva que foge de um navio com seu pretendente para Portugal, e a Chegança, uma dança portuguesa desde o século VII, que simulava lutas entre os mouros. O Fandango, também típico no Carnaval Colonial, é conhecido, segundo Martins (2013), em outros estados como Barca, e seria uma expansão da Chegança, representando a chegada e a luta desses povos.

Ressalto que foram brincadeiras que tiveram como função emergir a participação de homens e mulheres excluídos da sociedade nas festividades carnavalescas (SILVA, 2015), apresentando manifestações mais ritualísticas e de cunho religioso.

Porém, será no Carnaval dos Cordões que a diversidade de brincadeiras vigorará, onde nascerá o mito de que o Carnaval de São Luís é o terceiro melhor Carnaval em nível nacional. Sobre a concepção de mito, Maria Isaura Pereira de Queiroz, ressalta:

A noção de mito é então definida enquanto tradução de sentimentos e de aspirações de uma sociedade, por meio de imagens, compondo um conjunto de representações coletivas de grande valor afetivo para ela; tal conjunto se fere a algo que poderá realizar-se um dia e que se procura instalar por meio de comportamentos apropriados (QUEIROZ, 1999, p. 183).

Dessa maneira, instala-se nessa época, principalmente por parte da mídia, o mito de que o Carnaval ludovicense era o terceiro melhor do Brasil. Esta ideia prevalece em vários jornais da época, principalmente os utilizados para embasamento dessa pesquisa, assim como, na memória dos mais velhos, que sempre que questionados, defendem os velhos carnavais, ou seja, os carnavais de sua juventude. Compartilha-se aqui, portanto, da mesma linha de pensamento de Fábio Henrique Monteiro Silva¹⁹:

A expressão de terceiro melhor carnaval vai se repetindo com o passar dos anos. Ainda nos dias atuais, quando o assunto carnaval vem à tona na cidade de São Luís, os sujeitos entrevistados parecem repetir tal construção de que, no passado, tivemos o terceiro melhor carnaval. Essa elaboração tem como suporte de legitimidade um recuo dentro da história, ou seja, o terceiro melhor carnaval foi aquele que passou. Por isso, os entrevistados, quando fazem alguma consideração sobre o carnaval de São Luís, imediatamente recuam no tempo para legitimar essa elaboração (SILVA, 2015, p. 103).

Desse modo, não é difícil compreender os motivos pelos quais esse “mito” prevalece até os dias atuais na memória dos mais velhos, tendo em vista que, os mesmos, vivenciaram a época, assim como tiveram a contribuição da mídia para inculcar em suas lembranças que os velhos carnavais sempre serão os melhores.

Não se pretende aprofundar nessa assertiva, embora se veja como válido discorrer um pouco sobre esta afirmação em nível de conhecimento, para que se entenda um pouco mais sobre o Carnaval ludovicense, sobre os seus participantes e como a memória desse

¹⁹ Professor adjunto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), possuindo mestrado em História pela UFPI e Doutorado em História Comparada pela UFRJ. Sendo um grande estudioso do Carnaval de São Luís.

Carnaval tem sido construída. O Carnaval seja na rua, no clube, na viela ou na passarela, precisa de um espaço e como diria Da Matta:

A forma carnavalesca parece muito importante com um modo alternativo para o comportamento coletivo, sobretudo porque é no carnaval que são experimentadas novas avenidas de relacionamento social que, cotidianamente, jazem adormecidas ou são concebidas como utopias. Por isso, o mundo do carnaval é, para nós o mundo da loucura (DA MATTA, 1997, p. 88).

E foi nesse espaço de “loucura” que o Carnaval maranhense emergiu no cenário nacional. Festa essa que lança seu grito desde as festividades de final de ano, até os seus quatro dias oficiais, sendo meses de pura alegria, quando o Carnaval pode ser feito na rua ou em casa, juntamente com seus familiares. Festa na qual jogar serpentina e colocar uma marchinha para tocar depois dos fogos da entrada de um novo ano virou tradição.

Destacando-se nesse cenário os cordões de Pierrôs, Fofões, Cruz Diabos, Dominós, Corso, Sujos e Ursos, foi nessa diversidade carnavalesca que o Carnaval dos Cordões se propagou na cidade de São Luís, processo no qual a chegada dessas brincadeiras até o centro da cidade era proveniente dos diversos subúrbios da região, como Vila Passos, Baixinha, Canto da Fabril e Madre Deus (MARTINS, 2013). Favoreceu-se, assim, um verdadeiro espaço de folia para os brincantes, no qual a participação nos cordões era motivo de extrema alegria e descontração, fazendo desse período um momento mágico, capaz de proporcionar aos foliões um universo paralelo, conceder-lhes a oportunidade de se apresentarem da forma como quisessem e permitir que se transformem naquilo que mais tinham vontade em seu íntimo, pois era Carnaval, festa na qual tudo pode, tudo se realiza:

A partir do momento que os moradores dos bairros periféricos saem às ruas com suas normas, valores e rituais, tem-se o registro do anseio dessa parcela da sociedade em busca do seu espaço e do seu reconhecimento como produtores de uma cultura. Tais moradores conseguem esse efeito através da festa carnavalesca, uma vez que, a partir de suas estratégias, brincam o carnaval de acordo com as suas condições econômicas. (SILVA, 2015, p. 79).

Diante da assertiva de Fábio Henrique Monteiro Silva, percebe-se a grande abertura que o Carnaval dos Cordões proporcionou as diversas camadas da sociedade maranhense. Dá-se oportunidade aos setores “relegados” da sociedade de se inserirem na festa carnavalesca ludovicense, da forma como melhor lhe convinha, manifestando-se de acordo com seus rituais, valores e condições econômicas, mas não deixando de participar e lançar o seu brilho nas ruas do Carnaval de São Luís.

Quanto ao Entrudo, brincadeira tão falada no primeiro capítulo, e que sofreu inúmeras tentativas de ser proibida, permanece até hoje, ao menos em São Luís (SILVA, 2015). É muito comum ainda, nos dias atuais, reuniões de família, com o objetivo de brincar o Carnaval: marca-se na casa de alguém a reunião, e passa-se o dia brincando, bebendo, ouvindo músicas do Carnaval maranhense, marchinhas e sujando uns aos outros de maisena.

Brincadeira típica da cidade, os Blocos de Sujo tinham o costume de sujar uns aos outros de maisena, a exemplo, podemos citar um bloco organizado que fez tradição com esse tipo de brincadeira: “Turma do Lamê”. Dessa forma, cito uma reportagem, do jornal *O Estado do Maranhão*, que vem nos relatar com mais precisão a história do bloco, explicando como acontecia a tão excêntrica brincadeira:

A charanga, ou bloco organizado como chama a Maratur para complicar cada vez mais o nosso carnaval, “Turma do Lamê” foi a primeira a aparecer nas ruas de São Luís, no ano de 1970. Naquela época, eram organizados os chamados “Blocos de Sujo”, mas geralmente participavam pessoas que não pertenciam ao bairro, de onde saía a brincadeira, e outros com garrafas de pinga na mão, sem que seus componentes a usassem. O pessoal da Vila Gracinha resolveu então, naquele ano, fundar uma organização, e saíram com o sugestivo nome de ‘Turma do Lamê’. No primeiro ano, cada componente, entre moças e rapazes, adquiriu um saco de trigo, pintou de cores diferentes, e a brincadeira saiu no Reinado de Momo (O ESTADO DO MARANHÃO, 1979, p.10).

Participantes dessas charangas, ou como depois ficou denominado – Blocos Organizados, não existia apenas a “Turma do Lamê”, destaco também: “Unidos do Regional Tocado a Álcool”, “Unidos de São Roque” e “Unidos do Retiro Natal”, que segundo Maria da Graça Guimarães Barbosa (2016), possuíam estruturas sólidas. Outra característica que seria interessante destacar desse período carnavalesco, e que é ressaltado na reportagem, seria na dificuldade das classificações dessas brincadeiras, que ficaram conhecidas como Blocos de Sujo, mas poderiam ser denominadas como charangas e posteriormente Blocos Organizados.

Essas manifestações até hoje não estão presentes ainda apenas nas festas familiares, mas encontramos também no Carnaval de rua, onde já se criou, recentemente, blocos cujos nomes fazem menção a brincadeira, como por exemplo: O Bloco da Maizena. A folia acontece fazendo um pequeno arrastão até chegar ao seu local específico, onde no ano de 2016, mudou-se para o estacionamento de uma casa de shows em São Luís, no bairro olho d’água.

Figura 1: Bloco da Maizena em 2012



Disponível em: <<http://webgram.co/p/yTbbcJvczF>> Acesso em 28 de mai. 2016

Criado pelos irmãos Victor e Leonardo Costa, no ano de 2010, o bloco tem como objetivo promover a folia pré-carnavalesca, lembrando os velhos carnavais, no qual ocorre a apresentação de bandas, assim como a presença de sons automotivos, mas não perdendo o grande objetivo do bloco: sujar a todos de maisena, de uma forma harmônica e saudável, relembrando assim, a essência do verdadeiro Carnaval de rua. É exatamente isto que ressalta Nedilson Machado²⁰, em matéria para o jornal *O Estado do Maranhão*: “*O bloco agita o pré-carnaval até o próximo domingo, 31, com a proposta de uma brincadeira de rua autêntica, irreverente, democrática e vibrante*” (COLUNA EM CENA, 2016, p. 02).

Outra brincadeira que se destacou no Carnaval dos Cordões e da qual se falou um pouco de sua origem no primeiro capítulo, foi o Corso. Pois assim como o ocorreu no Rio de Janeiro, essa brincadeira recebeu um grande prestígio e espaço no Carnaval ludovicense. O Corso é ressaltado em uma reportagem do *Jornal do Dia* (1970), com o cortejo de carros alegóricos que havia por parte dos clubes sociais de São Luís, com grande luxo de

²⁰ Jornalista há vinte anos e titular da coluna EM CENA, do jornal O Estado do Maranhão.

ornamentação, ou improvisados, assim como, carros particulares, de firmas comerciais e industriais. O importante era colocar o carro na rua e participar do cortejo, perpetuando assim, outra tradição no Carnaval da Ilha.

Sobre o Corso, Maria da Graça Guimarães Barbosa relata:

Eu fundei o Corso Pele Vermelha em 1982, que saía no cortejo junto com o dono do sabão girafa, o Gandra. Após o carro do Gandra, o meu era o segundo, o Pele Vermelha. Vários anos deixou de participar porque começou logo a agressão, aquelas águas com tanta mistura, que prejudicou várias meninas que participavam. Aí eu cancelei o Corso, mas eu adorava! Desde novinha sempre tive vontade de colocar um e tinha muita satisfação de sair nos cortejos [...] Carnaval dessa época era bom [...] (BARBOSA, 2016, s.p.).

Em São Luís, a forma mais tradicional de Corso e que prevalece até hoje nas ruas da capital é representado pela Casinha da Roça, que surgiu em 1919, incorporando o tema rural ao Carnaval da cidade (MARTINS, 2013). Uma boa definição da brincadeira é feita no jornal *O Estado do Maranhão*:

Nos auge do carnaval maranhense, quando foi nos dado a colocação de terceiro do mundo, eram diversas as originalidades que surgiam tanto no tocante a fantasias, quanto nas alegorias dos “Côrsos” (carros alegóricos) [...] Foi nessa época que surgiu em nossas ruas, em cima de quatro pneus, uma casa de palha que se locomovia por toda a cidade. Tratava-se da “Casinha da Roça”: Uma casa de palha cuidadosamente erguida em cima de um caminhão, inclusive, ocultando-o totalmente, e com todas as características de uma casa interiorana [...] Na frente, nas laterais e no fundo da casa, vêm figuras típicas do interior como o caçador com sua espingarda, os lavradores com suas foices e índios que rodeiam a casa, dançando com suas flechas e abrindo caminho para a casinha passar. Em fim, é a “Casinha da Roça”, uma mistura de cultura popular maranhense reunindo as três raças: o branco, representado pelo dono da casa; o negro, representado pelos crioulos do tambor e pela cozinha e o índio que circula a casa, totalizando essa tradicional brincadeira do folclore maranhense, que vem mantendo a todo custo esta tradição nos carnavais (O ESTADO DO MARANHÃO, 1980, p. 09).

Diante da definição dada pelo jornal, é difícil algum ludovicense, participante do Carnaval da cidade não se lembrar de algum ano em que tenha visto a Casinha da Roça passar. Como autora deste estudo e participante do Carnaval, lembro-me que, na minha infância, ao nos reunirmos da casa de meus avós, no bairro da Madre Deus, sempre que a Casinha da Roça entrava em seu percurso pela Praça da Saudade²¹, subíamos o Largo, na ansiedade de vê-la passar. Memórias que fazem parte da minha infância, memórias do Carnaval de São Luís!

²¹ Localiza-se entre a Rua do Norte e a Rua do Passeio, no bairro da Madre Deus, situada em frente ao cemitério dos Gaviões. Por isso, passa a ser denominada como Praça da Saudade.

Embora, não se pretenda aprofundar a abordagem sobre as mudanças ocorridas na Casinha da Roça, é interessante sabermos que a brincadeira ainda se faz presente no folgado ludovicense, passando por gerações. Porém é importante que tenhamos consciência, segundo Burke: “*O que quer que os supostos transmissores pensem que estejam fazendo, passar adiante uma cultura para uma nova geração é necessariamente um processo de reconstrução*” (BURKE, 2008, p. 130). Ou seja, é necessário que saibamos entender que, com o passar dos anos, algumas brincadeiras resistem às mudanças, outras mudam e ainda há aquelas que desaparecem (SILVA, 2015). Isso é lógico, o contexto muda e as práticas sociais acompanham, com a Casinha da Roça e outras brincadeiras do Carnaval de São Luís não foi diferente.

Brincadeiras que também fizeram parte intrínseca dos cordões ludovicenses, nos quais o brilho e graça consistiam nas fantasias foram as brincadeiras de Urso, Fofões e Cruz Diabo. Os fofões foram um dos cordões que teve mais destaque no Carnaval da Ilha:

O cordão mais conhecido em São Luís é o do fofão. Este é encontrado em São Luís em manifestações carnavalescas: com suas máscaras horrendas e seu tradicional grito de “olala”, os brincantes, geralmente crianças, carregam uma boneca na mão e quem a pegar, terá que dar uma gorjeta a esse brincante (SILVA, 2015, p. 86).

Reporto, como autora desta pesquisa, a minha infância, lembro-me do medo que me acometia ao avistar um fofão adentrando o Largo do Caroçudo, no bairro da Madre Deus. Aquela roupa estampada ou poderia ser de uma só cor, usando uma máscara bem feia de borracha, esse foi o fofão da década de 1990, da minha época. Sendo meio bicho e meio homem, em reportagem no jornal *O Estado do Maranhão*, encontra-se uma boa definição da importância desse personagem no Carnaval de São Luís:

Vestidos em macacões folgados, super coloridos feitos de chita ou chitão e escondidos por máscaras horríveis – algumas nem tanto – os fofões se tornaram um dos mais tradicionais personagens do Carnaval maranhense. Não importa sexo nem idade. Solitários ou em grupos os fofões surgem pelos quatro cantos da cidade, enchendo ruas e becos de alegria no período carnavalesco [...] A origem é pouco precisa, porém o hábito de cobrir o rosto com máscaras horríveis habita o Carnaval maranhense há muito tempo [...] (O ESTADO DO MARANHÃO, 2000, p. 06).

A origem, como na própria reportagem é ressaltada, é imprecisa. Porém, Maria da Graça Guimarães Barbosa (2016), acredita que tenha surgido a partir dos bailes carnavalescos de São Luís, haja vista que essa era sua fantasia preferida nessas festas. Observando a data da matéria, infelizmente, hoje, no Carnaval ludovicense, é muito raro avistarmos um fofão,

embora ainda exista quem se vista para fazer uma brincadeira com seus familiares e relembrar os velhos carnavais.

A Cruz Diabo vem ser uma fantasia tipicamente maranhense, na qual o brincante se vestia com uma roupa contendo bastante lantejoulas e galões, o calção e uma casaca, colocando uma cabeça de papelão preta com dois chifres (MARTINS, 2013). O Urso já seria um homem vestido com uma fantasia que imitasse pêlos do animal, com uma máscara de urso (MARTINS, 2013). Enfim, são fantasias que personalizaram durante muito tempo o Carnaval, contribuindo para um “ar” mágico e de mistério, não só nos carnavais de rua, mas nos clubes de São Luís, onde a reunião de um grupo de pessoas fantasiadas, seja de Fofão, de Urso, Cruz Diabo, Pierrô, Colombinas e Dominós, já era o bastante para formar um cordão e fazer a alegria da população.

Outra brincadeira integrante do Carnaval dos Cordões, chama-se “Assaltos”: festas que eram feitas por grupos de amigos, onde a graça consistia na chegada de surpresa (MARTINS, 2013). Uma definição mais completa é encontrada no jornal *O Imparcial*:

Os assaltos eram feitos na casa de alguém sem que essa pessoa soubesse de nada. Nós chegávamos de surpresa mesmo, tocando nossos instrumentos e cantando as marchas do carnaval, vestido de fofão dominó, ou mesmo a fantasia do bloco que iríamos sair mais tarde e, depois de comermos e bebermos nessa casa, partíamos para outra [...] (O IMPARCIAL, 1955, p. 11).

Analisando a definição dada pelo jornal sobre a brincadeira, pode-se perceber a mistura de manifestações nessa fase. O ato de praticar o “assalto” na casa de alguém, não impedia o mesmo de se fantasiar de fofão ou qualquer indumentária que fosse brincar em algum bloco depois. Percebe-se assim, a interação harmônica das brincadeiras que compunham esses cordões, proporcionando uma festa com uma diversidade de grupos carnavalescos que poderiam compor o mesmo espaço de forma saudável, sem restrições.

3.2 Bailes e Clubes: uma tradição dos cordões

Assim como aconteceu no carnaval do Rio de Janeiro, em São Luís, a partir de 1950, também se buscaram formas de manifestações próprias da elite, através das quais pudesse haver um distanciamento dessas manifestações tidas como “populares”. A solução encontrada foi a mesma que a elite da capital da República encontrou na época: os sofisticados bailes de máscaras. Fábio Henrique Monteiro Silva faz uma breve definição do que era e o que acontecia nesses bailes. Segundo Silva (2015):

Os famosos bailes de máscaras em São Luís representavam os espaços de transgressão. Nesses lugares, muitas mulheres casadas saíam com suas máscaras para brincar o carnaval, algumas iriam apenas tentar encontrar o seu companheiro, que saíra sem dizer para onde. Era o espaço que deliberava curiosidade, onde os homens dançavam com suas máscaras com a curiosidade de, ao menos no final da festa, saber com quem dançou algumas músicas carnavalescas (SILVA, 2015, p. 89).

Diante da definição percebemos que, a princípio, os bailes além de ser um reduto voltado para as brincadeiras carnavalescas da elite, eram um espaço onde homens e mulheres poderiam se libertar tendo em vista que, estavam mascarados e o que restava era uma curiosidade prazerosa em saber com quem se estava bailando. Questionada sobre os bailes de máscara, Maria da graça Guimarães Barbosa (2016), revela:

Brinquei muito, apesar de ser muito nova na época. A gente ficava naquela curiosidade de saber quem era a pessoa mascarada. Esse era o verdadeiro carnaval, o carnaval dos clubes. Faziam bailes muito luxuosos, ninguém tinha medo de sofrer alguma violência, todo mundo ia e voltava em paz. Eu ficava na ansiedade, sempre preparava uma roupa bem bonita e ía brincar [...] (BARBOSA, 2016, s.p.).

Eugênio Araújo também faz um breve comentário sobre esses espaços: “[...] ricamente ornamentados, que dão continuidade à tradição plástica e visual dos extratos médios, onde o acesso é restrito através de uma ‘rigorosa fiscalização’, o que se ouve é um *batuque sensacional*” (ARAÚJO, 2001, p. 83).

Porém, de acordo com a definição de Araújo (2001), apesar de esses salões proporcionarem uma liberdade pelo uso das máscaras e fantasias, era um espaço que exigia uma severa fiscalização, onde apenas uma parte da população, no caso, a elite, poderia participar, tornando a rua, assim, um espaço de todos e sendo considerada pela maioria dos ludovicenses, onde se encontra o verdadeiro Carnaval de São Luís. Portanto, partilha-se aqui da ideia de Da Matta quando apresenta o cenário da rua em contraposição ao da casa: “A categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares” (DA MATTA, 1997, p. 90).

Mas assim como aconteceu no Rio de Janeiro, os bailes de máscaras acabaram se popularizando na Ilha, culminando na proibição das máscaras nos bailes de São Luís, no governo do então prefeito Cafeteira. Um dos motivos para a proibição em nível nacional o jornal *O Estado do Maranhão* apresenta:

E as incríveis máscaras? Quando elas eram usadas por gente da aristocracia francesa, ou mesmo brasileira, a polícia não chegou a proibí-las. No entanto, como normalmente ocorre, quando as máscaras passaram a ser usadas por pessoas humildes da sociedade, então, a polícia também passou a proibir, alegando que desordeiros e subversivos podiam se disfarçar para “pegar” alguém da sociedade (aliás, da alta soçaité) (O ESTADO DO MARANHÃO, 1980, p. 08).

Já quanto ao motivo que levou a proibição em São Luís, Fábio Silva ressalta que não foi uma proibição desmedida, mas: “*Algumas medidas deliberadas pelo secretário interino de segurança pública que anunciou as medidas adotadas pelo governo para tornar o carnaval deste ano ordeiro e tradicional*” (SILVA, 2015, p. 92). Resulta-se disto até em uma marchinha feita na época, por João Carlos, com o objetivo de satirizar o fato com o contexto no qual estava inserida a sociedade da época:

Cefeteira não quer máscara neste carnaval (bis)

E aí tem muita gente

Que vai ficar se dando mal (bis)

Boa, seu Cafeteira

Mande as máscaras pra Lua

Basta aqui os mascarados

Que a gente vê

Todo dia, pela rua (bis) (JORNAL PEQUENO, 1965, p. 05).

Por conseguinte, acaba-se entrando em declínio o uso das máscaras, o que não afetou a ascensão dos carnavais de clubes, quando a elite passa a frequentar em peso, demarcando assim um local da alta sociedade ludovicense. Logo, entram no cenário carnavalesco de São Luís inúmeras brincadeiras que passam a funcionar em salões no pré-carnaval:

Em vários locais de São Luís, ocorreu uma diversidade de festas organizadas em salão durante o período que antecedia o carnaval. Por isso não seria errônea a afirmação de que tivemos na cidade os bailes pré-carnavalescos e os bailes carnavalescos (SILVA, 2015, p. 87).

Os clubes, então, passam a ser parte integrante dessa festa em São Luís, organizando festas altamente luxuosas e com grande requinte, recebendo como público pessoas da alta sociedade que necessitavam de um espaço para demarcar sua presença, já que as ruas não estavam mais satisfazendo os seus padrões. Percebemos o requinte dos bailes e o público para o qual estava voltado, em uma reportagem, no jornal *O Estado do Maranhão*:

Todo um grandioso cenário saído da imaginação fértil do arquiteto Adirson Veloso está sendo montado na sede social do Lítero, à praça João Lisboa, que servirá de palco para o mais grandioso acontecimento social do carnaval maranhense deste ano. Uma grande equipe está trabalhando em regime de tempo integral para poder concluir a tempo todo o maravilhoso projeto baseado no tema “Carnaval na Ilha-Rendas e Alegorias” [...] e é nesse ambiente, do maior luxo e requinte, que a sociedade maranhense e convidados de todo o país, estarão participando, dia 15, sexta-feira, a partir das 23 horas, do Baile de Gala da cidade, promoção orientada pela prefeitura de São Luís e organizada por este Repóter, e que é o assunto dominante em todas as rodas elegantes de São Luís. (O ESTADO DO MARANHÃO, 1980, p. 05).

Com o passar do tempo, assim como já havia acontecido com outras brincadeiras, não só aqui em São Luís, mas também no Carnaval carioca os bailes acabam por cair no gosto da população, que tende sempre a buscar alguma forma de se inserir na diversidade de espaços que o folguedo proporciona. Portanto, passa a haver clubes voltados para a elite e aqueles que são considerados como populares, de acordo com o *Jornal do Dia* (1969) Labarêda, Dendeca, Bigorriho e Roda Viva, entre outros.

Desse modo, entra-se em um período no Carnaval dos Cordões que, o Carnaval promovido nos clubes assume um destaque muito grande, direcionando toda a população da cidade para brincar nos mais diversos salões, trazendo as diversas brincadeiras dos cordões para esses espaços também. Em uma chamada do *Jornal do Dia*, percebemos a grande relevância dos clubes sociais na época:

Pois viva o Carnaval, que hoje tem sua “abertura oficial”, com festas em todos os clubes sociais da cidade. Casino, os portões deverão fechar cedo, pois a frequência por lá é número síssima. O Lítero formou um bloco para animar as noitadas de sua sede esportiva e o Clube dos Sargentos vai “mandar brasa” nesses quatro dias, pois seus dirigentes prometem “aquele carnaval” para seus associados [...] (JORNAL DO DIA, 1969, p.04).

Em chamada aos clubes populares, o mesmo jornal se reporta da seguinte forma:

Bigorriho, Canecão, Dendeca, Roda Viva e Labarêda vão dar tudo a partir de hoje [...] francamente teremos em ação cerca de 3.000 garotas. E’ muita mulher, lá isso é, e quem estiver com “gás suficiente” que compareça a todos eles a partir de hoje até o sol raiar na quarta-feira (JORNAL DO DIA, 1969, p. 07).

Percebe-se a diferenciação nas chamadas da época. Os clubes sociais eram ressaltados pelo seu luxo e requinte, tanto na ornamentação, quanto aos seus frequentadores. Já os clubes populares se destacavam pela quantidade de mulheres, pelo ar de liberdade, no qual os brincantes poderiam amanhecer o dia, sem restrições e reprovações. Mas, embora essas diferenças existissem, crê-se que todos que se dirigiam a esses clubes, fossem sociais ou

populares, tinham a mesma intenção: brincar e se divertir. Portanto, remeto-me ao pensamento de Roberto Da Matta quanto aos segmentos sociais no Carnaval:

Desbastados os papéis sociais de membros de uma família, de um bairro, de uma “raça”, de uma categoria ocupacional e de um segmento social, ficamos simplesmente com a verdade: somos tudo isso, mas apenas isso: homens e mulheres buscando o prazer dentro de um certo estilo. Por causa disso é que podemos concluir instantaneamente que, acima de tudo, somos brasileiros (DA MATTA, 1997, p. 115).

Diante de todas as brincadeiras que até agora foram citadas e de espaços que passam a ser parte integrante do Carnaval da ilha, como: a rua e os clubes, juntamente com seus salões, corrobora-se aqui com Ananias Martins, quando ressalta essa fase como a mais rica e complexa do Carnaval de São Luís (MARTINS, 2013). Nela, segundo Fábio Henrique Monteiro Silva: *“a diversidade carnavalesca presente em São Luís proveniente das classes populares, e que, com suas práticas, suas músicas, seus sambas, suas marchas, vai conseguindo um grande respeito e admiração”* (SILVA, 2015, p. 95).

Assim, a diversidade apresentada nessa fase é tamanha, o que só viabiliza mais beleza, magia, graça e inerência ao carnaval ludovicense, fazendo-nos sentir como únicos e verdadeiros foliões, em um ato de proporcionar-nos uma experiência transcendental quando participamos da mesma. Leva-se assim a outra fase do Carnaval de São Luís, que, acredita-se, permanece até o hoje: o “Carnaval do Samba”.

3.3 “Sinta o Som do Batuque Maranhense”: a tradição do Carnaval do Samba em São Luís

Vimos quão heterogêneo foi o Carnaval dos Cordões, assim como a diversidade de espaços que ocupou, culminando posteriormente no surgimento das chamadas “turmas de batucadas” que futuramente transformaram-se em Escolas de Samba, Blocos Tradicionais, Blocos Alternativos, Blocos Organizados e outras que até mesmo desapareceram. Ocorre o que já citei no início desse capítulo de acordo com Ananias Martins, que o Carnaval em São Luís: *“foi construído, desconstruído e reconstruído de tempos em tempos, conforme mudanças na organização e estrutura social com as tendências de época”* (MARTINS, 2013, p. 23).

Ressalta-se que a divisão entre “Carnaval dos Cordões” e “Carnaval do Samba”, não implica dizer que, as brincadeiras que fizeram parte do Carnaval dos Cordões deixam de

existir na passagem de fase. Algumas realmente desapareceram, mas outras permaneceram, assim como se modificaram, portanto:

Os blocos, turmas de samba, tribos de índio, corsos, carros alegóricos, todos aqui ainda denominados cordões em função da grande dificuldade que se tem de estabelecer os espaços e caracterizá-los durante esse período. Essas brincadeiras eram muito parecidas e conservavam a mesma forma de batuque, o que naturalmente dificultava a diferenciação entre elas (SILVA, 2015, p. 94).

Dessa forma, utiliza-se a divisão de Ananias Martins para facilitar o entendimento sobre o Carnaval de São Luís, mas compartilho da ideia de Fábio Henrique Monteiro Silva ao ressaltar que todas essas brincadeiras que até agora foram citadas, assim como, as que ainda serão citadas, fazem parte do mesmo grupo: os cordões carnavalescos.

Não há aqui a intenção de definir com exatidão o que são Turmas de Samba e suas diferenças com as demais brincadeiras, tendo em vista que, no decorrer de minha escrita, por vezes, tentar-se-á delinear suas particularidades. O que quero destacar é a diversidade pela qual o Carnaval de São Luís se constituiu e os momentos pelos quais a festa passou até o surgimento dos Blocos Tradicionais, com a fundação do Bloco Tradicional Príncipe de Roma.

Sendo assim, o Carnaval do Samba segundo Martins (2013) é uma fase do Carnaval ludovicense que se inicia com o nascimento das turmas de samba e se consolida com os esforços carnavalescos para os desfiles oficiais das Escolas de Samba.

Portanto até o início de 1970, fica confuso definir o que seria um Bloco Alternativo, um Bloco Tradicional, um Bloco Organizado, uma Turma ou Escola de Samba; o que ocorre é a heterogeneidade de manifestações que as classes populares construíram como forma de se inserir cada vez mais nessa festa, conquistando assim, o seu espaço. Entendendo que a cultura popular é um conjunto diverso de representações que possui um raciocínio singular, possui uma forma ímpar de consciência.

Quanto aos Blocos Organizados, que antes eram denominados como Blocos de Sujos e charangas, uma boa definição é encontrada no jornal *O Estado do Maranhão*:

[...] os blocos organizados tem sua origem ligada aos antigos blocos de sujo, quando ainda não existiam nem as charangas. Estes, com o tempo, foram crescendo até chegar à denominação de bloco organizado [...] os “ex-sujos” – agora organizados – utilizavam materiais alternativos para desfilarem pelas ruas e na passarela, fazendo-as descartáveis, “quase percíveis” [...] por não dispor de muitos recursos financeiros (O ESTADO DO MARANHÃO, 2000, p. 08).

Entendida essa questão, essas brincadeiras surgem como um meio das classes populares participarem assiduamente do período carnavalesco, já que não podiam pagar suas entradas na maioria dos bailes e clubes de São Luís. Dessa maneira, na junção de dois ou mais amigos ou membros familiares com alguns instrumentos, já poderiam formar a sua turma e sair com seu batuque, participando dos cordões de Carnaval. Surgem assim, inúmeros blocos e turmas no folguedo ludovicense como, segundo Silva (2013): os Fuzileiros da Fuzarca, a Turma do Quinto, a Turma da Mangueira, os Vira Latas, os Ritmados, Pif Paf, Tarados, Salgueiro, Águia do Samba, Flor do Samba, Favela e outros.

E assim como aconteceu no Carnaval do Rio de Janeiro, em São Luís os grupos tradicionais passam a sofrer modificações. Levando-se em consideração o conceito de tradição inventada que aqui já foi falado, é interessante ressaltar que: *“ainda assim, pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados”* (HOBSBAWN, 1984, p. 16).

Portanto, embora a tradição tenha como objetivo legitimar valores mediante a repetição de rituais antigos, essa pode ser inventada quando os velhos costumes já não estão mais sendo utilizados e adaptados. E, trabalhando com esse conceito no contexto das Turmas de Samba, embora a distinção das demais brincadeiras existentes seja difícil, devido ao batuque parecido em todas elas, o surgimento dessas Turmas ocasiona uma readaptação de grupos existentes e o surgimento de novos.

Dessa forma, as turmas surgem como mais uma forma de manifestação do Carnaval dos Cordões, na qual a utilização dos mesmos batuques e a rua, espaço que costumeiramente já era utilizado pelas classes populares, proporciona, posteriormente, a divisão e classificação de diversas brincadeiras, conforme os jornais da época foram fazendo suas diferenciações. Destacando como singularidade desses cordões: *“o fato de ocuparem o mesmo espaço, o mais democrático, que era a rua, além de sua alegria e disposição ao participar da festa carnavalesca”* (SILVA, 2015, p. 96).

O Carnaval do Samba ganha força a partir da década de 1970, quando as Escolas de Samba se consolidam no Carnaval de São Luís, escolas essas, que tiveram sua origem nas Turmas de Samba, que por sua vez, se diluíram não só em escolas, mas em Blocos Alternativos, Blocos Organizados, Blocos Tradicionais e Tribos de Índio.

É interessante perceber em reportagens da época, como ocorreu a disseminação dessas turmas de batucadas²², com suas rodas de samba, tomando não só a rua como seu espaço, mas os clubes em São Luís. Torna-se agora parte integrante do Carnaval da Ilha. Nota-se isso em uma reportagem do jornal *O Estado do Maranhão*:

A Fundação municipal de esportes dará ao povo maranhense a grande oportunidade de bem se divertir neste Carnaval de 80, notadamente os quatro dias máximos de Momo, quando o seu presidente fará armar por toda área onde está sendo realizada as rodas de samba, a empanada do Circo Fantástico Cultural [...] os preços não serão alterados e para maior brilhantismo do carnaval da Fumesp, aquele presidente contratará uma orquestra, misturando-se com os batuqueiros do samba, numa verdadeira mistura carnavalesca [...] principalmente pelo fato de ter possibilitado ao povão, brincar a valer como nunca, na história de nosso carnaval de clube (O ESTADO DO MARANHÃO, 1980, p. 9).

Mais uma vez, identificamos quão diverso se constituiu o folgado ludovicense, no qual em um mesmo ambiente, poderia acontecer uma mistura de ritmos, brincadeiras de rua poderiam fazer parte da folia nos clubes também. Manifestação dinâmica, heterogênea, festa popular e para todos os gostos, assim se consolidou o Carnaval de São Luís.

Outra característica dessas Turmas de Samba é que elas possuíam uma boa relação com as Turmas do Rio de Janeiro, sendo comum que estas parabenizassem as Turmas de São Luís. A primeira Turma de Samba fundada na ilha foi a Mangueira, em 1929, como discorre Ananias Martins:

A fundação da primeira turma de samba da cidade: a Mangueira, já no ano de 1929, a partir do bloco paulistano surgido em 1928, que, segundo Sr. Dito, recebeu esse título porque as primeiras batucadas foram debaixo de uma planta do mesmo nome, onde hoje existe uma praça, próximo ao quartel do 24º Batalhão de Caçadores, no João Paulo (MARTINS, 2013, p. 99).

Perante o que até agora foi discorrido nesse tópico, é inevitável não surgir o questionamento sobre a origem das Escolas de Samba. Parto, portanto, do mesmo princípio de Martins (2013) quando ressalta que os antecedentes foram inúmeros para o surgimento das escolas, podendo ter sido proveniente tanto através do Baralho com seus reco-recos, violões e pandeiros, quanto pela tradição dos tambores em São Luís, com suas danças de roda, como o

²² Refere-se as Turmas de Samba.

Tambor de Crioula²³: “*afinal, samba provém de “semba”, umbigada em Luanda*” (MARTINS, 2013, p. 100).

Uma matéria que vale a pena ressaltar sobre as turmas e sua consolidação como Escolas de Samba encontra-se no jornal *O Estado do Maranhão*:

Em 1950 acontece o primeiro concurso oficial que reconhece as escolas de samba como grupos e identidade diferenciada. Antes dessa data elas eram ainda confundidas com blocos e cordões [...] Na década de 70, as classes médias acabam em São Luís. Os “ricos e famosos” começam a frequentar ensaios e desfilar pelas escolas de samba., que As escolas de samba de São Luís adotam a forma carioca de desfile por volta de 1975 iniciando o ápice do carnaval sambista na cidade (O ESTADO DO MARANHÃO, 2000, p. 08).

Dessa maneira, é na década de 70 em que o Carnaval de São Luís tem seu ápice no samba, passando agora as Escolas de Samba a tomar o modelo carioca, elaborando assim, de uma forma mais articulada seus ensaios e desfiles.

Já em se tratando dos blocos, em mesma reportagem do jornal *O Estado do Maranhão* (2000), percebemos que, a princípio eram brincadeiras da classe média, tinham suas fantasias e às vezes, alegorias bem elaboradas. Iniciando no máximo com 30 componentes, geralmente fantasiados de fofão, ganhando força na década de 1950. Portanto, não se deve atribuir os seus antecedentes apenas as Escolas de Samba, como ressalta, Ananias Martins:

No caso dos blocos, não é adequado tratar tais grupos apenas como antecedentes das escolas de samba, porque incorporaram ao já rico carnaval daquela época uma nova manifestação, além do quê, tinham motivações endógenas, não se limitando a copiar modelos de outros estados. Com seus tamborins, retintas, cavaquinhos, violões, formando turma de tocadores itinerantes, somavam ao variado carnaval de rua de São Luís e animavam os clubes da cidade (MARTINS, 2013, p. 101).

Apesar de não ser objetivo nesse trabalho explicar o surgimento das Escolas de Samba a fundo, propõe-se traçar um cenário propício ao nascimento dos Blocos Tradicionais, levando-se em conta que no próximo capítulo, abordar-se-á mais especificamente esse assunto.

²³ Dança de matriz afro-brasileira, que possui uma coreografia circular, canto e tambores de percussão. Não possui um lugar específico de apresentação ou calendário fixo, mas é praticada geralmente, em homenagem a São Benedito. Participando as coreiras ou dançadeiras e os tocadores e cantores, no ritmo intenso do tambor.

3.4 Carnaval de São Luís: o carnaval de diversos espaços

A partir da década de 1990 o Carnaval de São Luís encontra-se em meio a uma heterogeneidade não só de brincadeiras, mas de espaços. Diante das pesquisas feitas em reportagens de jornais, pôde-se perceber a gama de opções oferecidas aos brincantes ludovicenses para brincarem o seu Carnaval.

Tendo já tido como espaço o Viaduto do Monte Castelo, a Praça João Lisboa e a Praça Deodoro, em 1989, os desfiles dos blocos e Escolas de Samba passam a ocorrer na Passarela, no Anel Viário. Agora, adentra no Carnaval de São Luís, um espaço específico para um momento de brilho, magia e competição, a Passarela do Samba.

Desse modo, encontramos na década de 1990, três espaços que compõe o Carnaval da Ilha: a rua, os clubes e a passarela. Isto é resultado do fato de o Carnaval de clube sofrer grande ascensão em São Luís, promovendo diversas festas com bandas e blocos, oferecendo diversos bailes carnavalescos que perduraram durante muito tempo, dentre eles, podendo-se citar: o Baile do Grafitte, Baile da Espuma, Baile da Bermuda, Baile do Vermelho e Preto, Baile da Imprensa. Havia, enfim, um leque de festas oferecidas ao folião nos mais diversos salões da cidade.

Quanto ao Carnaval de rua, não deixou de existir e muito menos se esquivou diante desse cenário. Passa-se a promover inúmeros projetos para a revitalização do que é considerado o verdadeiro Carnaval ludovicense: *“O projeto “Carnaval de Rua” elaborado pela Fundação de Cultura, Desporto e Turismo (FUNC) da Prefeitura de São Luís transforma os bairros da cidade em vários salões de bailes populares”* (O ESTADO DO MARANHÃO, 1994, p. 18). As ruas de São Luís voltam a ser um verdadeiro ponto de encontro da diversidade, onde os brincantes podem presenciar o encontro da variedade de programações nas praças, com a apresentação de bandas, grupos de pagode, Tambor de Crioula e blocos fazendo seu arrastão. Sobre essa heterogeneidade de espaços, o jornal *O Estado do Maranhão* também discorre:

Não há como esconder que a cidade de São Luís vive o clima de intensa folia. O que se comprova diante de tantas festas é que há espaço para todos. O domingo promete muito mais com várias programações. Tem carnaval de rua, nos bairros São Pantaleão, Cidade Operária, Renascença, Fátima e Santa Cruz [...] Na Madre de Deus o ponto alto da folia fica por conta da Máquina de Descascar Alho [...] (O ESTADO DO MARANHÃO, 1995, p. 09).

E, em meio a esses dois espaços no Carnaval de São Luís, ruas e clubes, nasce mais um, a Passarela do Samba. Diante de pesquisas, entrevistas e leituras, arrisca-se dizer que, além de ser um espaço de competição, na qual os blocos e escolas se preparam para consumir o seu desfile e fazer o mais bonito possível para conseguir a sua vitória de “melhor do Carnaval”, é nesse espaço que se realiza o projeto de preparação de um ano, tanto para blocos quanto para as escolas. É na Passarela, que os participantes desses grupos encontram o seu ponto alto, sentem-se estrelas de um espetáculo e desfilam com todo seu vigor, paixão e emoção pelo grupo que defendem.

Não se pretende aprofundar neste tópico sobre a Passarela do Samba, haja vista que, no próximo capítulo será dedicado um tópico específico sobre esse espaço, na história do Príncipe de Roma. O que se buscou foi apenas apresentar que além da diversidade de brincadeiras no Carnaval da Ilha, encontramos também uma diversidade de espaços para todos os gostos.

E assim, diante do que acabo de discorrer nesse capítulo sobre o Carnaval de São Luís, proporcionando a visão de um cenário carnavalesco que tentei construir de forma cronológica, mas nem sempre linear, arrisca-se dizer que seria confuso marcarmos o ano e como surgiram com exatidão os Blocos Tradicionais, mas compartilha-se da ideia de que foi a partir dessas turmas de batucadas, que conseqüentemente se diluíram em uma diversidade de brincadeiras posteriormente classificadas.

Outro bloco que caracteriza bem essa diversidade do Carnaval de São Luís será o Bicho Terra. Segundo o jornal *O Estado do Maranhão* (1995), o bloco surge no ano de 1995, no bairro da Madre Deus, com uma proposta ecológica e de revitalização das brincadeiras do Carnaval de São Luís, proporcionando uma mistura de todos os ritmos, tanto de blocos tradicionais, escolas de samba, blocos organizados, tribos de índio, frevo e etc, causando assim, um impacto na população, que saía em arrastões pelas ruas do centro, acompanhando o bloco.

No decorrer do capítulo, viu-se a grande heterogeneidade na qual o folguedo ludovicense se constituiu, proporcionando a nós e a quem vem conhecer a nossa festa, um cenário de muita alegria e descontração, no qual todos podem partilhar da brincadeira, de acordo com as suas condições, não tornando isso um empecilho para se brincar o Carnaval.

Possuímos brincadeiras que só em São Luís podemos encontrar, assim como possuímos uma maneira de brincar inerente ao Carnaval ludovicense.

Grande era a satisfação de Alberto Baima Barbosa, fundador do Príncipe de Roma, em época de Carnaval. Era como se nessa época, ele encontrasse o sentido do qual ele veio ao mundo, e assim, encontramos diversos ludovicenses que vivem e respiram o Carnaval de São Luís. Proporciona-se, assim, a construção até hoje, de uma festa rica e tradicional, na qual leva em suas brincadeiras, a sua peculiaridade e irreverência.

Assim, toma-se como destaque, no próximo capítulo, uma brincadeira que só no Carnaval de São Luís encontramos: os Blocos Tradicionais. Utiliza-se a história do Bloco Tradicional Príncipe de Roma, para apresentar quão peculiar e luxuosa se faz essa brincadeira, tendo a memória da família e de seus brincantes como base para contar a história do mesmo.

4 Príncipe de Roma: “memórias de um bloco tradicional no Carnaval de São Luís”

Em meio ao que foi percorrido nos capítulos anteriores, buscou-se mostrar como a festa de Carnaval se originou aqui no Brasil, assim como, sua configuração no Carnaval ludovicense. Dessa forma, houve a intenção de delinear um cenário que tenha proporcionado o surgimento para os Blocos Tradicionais em São Luís, no qual se dará ênfase ao Bloco Tradicional Príncipe de Roma, objeto desta pesquisa.

Considerando-se a deficiência de trabalhos que versem sobre esse assunto, e mais ainda, sobre o objeto desta pesquisa, busca-se por meio de entrevistas e reportagens de jornais, traçar a história do Bloco²⁴, como já tem sido feito no decorrer deste trabalho, analisando a relevância da memória em torno do objeto de pesquisa deste trabalho.

Observando o comportamento narrativo nas entrevistas realizadas, percebeu-se a necessidade que o indivíduo tem em tentar narrar o fato tal como ele aconteceu, em riquezas de detalhes, embora, isso não seja possível devido a fatores externos que influenciam na construção de uma memória, como a imprensa, que aqui já foi citada e segundo Le Goff (1990) vem revolucionar, embora lentamente, a memória ocidental e a própria comunidade em que o indivíduo está inserido.

Leva-se aqui em consideração o conceito de memória proposto por Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 423).

Trabalhar-se-á com a memória coletiva do Bloco, na qual segundo a definição de Nora citado por Jô Gondar (2008), a memória coletiva consiste em tudo: “*o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fizeram do passado*”. Portanto, a memória está entremeadada em estruturas bases da história, como em documentos, oralidade, construções, proporcionando-nos recordações e remanescentes de épocas pelas quais passamos.

Quanto as fontes orais utilizadas para a construção da memória do Bloco Príncipe de Roma, segundo Meihy e Holanda (2007), é necessário que se tenha consciência de que a história oral, apesar de ser um processo de obtenção de entrevistas que tem o tempo presente

²⁴ Sempre que a palavra começar com letra maiúscula nesse capítulo, estarei me referindo ao Bloco Príncipe de Roma.

como espaço temporal, deve responder a uma utilidade prática e social, o que não significa que ela finde até o momento de sua captação. Sendo assim, apesar de construir a história do Bloco, tendo como base as memórias de seus brincantes através de suas entrevistas, quero deixar claro que o universo do grupo²⁵ vai além, que a sua história não se restringe apenas ao processo de análise das entrevistas.

4.1 Blocos Tradicionais em São Luís

Os Blocos Tradicionais de São Luís constituem um grupo específico e singular, não só no Carnaval da ilha, mas também em nível nacional, tendo em vista que, só encontramos a brincadeira no Carnaval ludovicense.

Como vimos no capítulo anterior, o Carnaval da ilha passou por três fases e com a chegada do Carnaval do samba que teve como consequência o surgimento das Turmas de Samba, as mesmas, com o passar do tempo diluíram-se em diversos grupos e um deles com o tempo passou a ser denominado pela imprensa da época, como Blocos Tradicionais.

A sua participação em meio a um aglomerado de manifestações culturais em São Luís, como: Blocos Organizados, Blocos Alternativos, Corsos, Turmas e Escolas de Samba como aqui já observado, proporciona com o tempo, a necessidade de encontrar uma denominação específica para esse grupo que estava se consolidando no Carnaval de São Luís.

Tratando-se da origem exata dos Blocos Tradicionais, não se pode afirmar um ponto de partida com precisão. Haja vista que, trabalho com o conceito de tradição inventada, no qual já defini no início desse trabalho. Portanto, salienta-se que um dos grandes empecilhos ao trabalharmos com a origem de uma tradição inventada, consiste no fato da mesma ter sido desenvolvida de uma forma natural.

Os Blocos Tradicionais são grupos considerados fechados e que não sentiram a necessidade de fazer um registro oficial para documentar o início de tudo. Importava na época apenas o desejo de fazer diferente e entrar nesse âmbito tão diverso que é o Carnaval de São Luís.

²⁵ Refere-se ao Bloco Tradicional Príncipe de Roma.

Ao se discorrer sobre Blocos Tradicionais e o seu âmbito de formação, reporto-me a Roberto Da Matta, que faz um belo comentário sobre os blocos carnavalescos no geral, sendo aplicável aos Blocos Tradicionais também:

Os blocos seriam expressões de valores carnavalescos muito mais puros, voltados – como os famosos cordões carnavalescos [...] para a ritualização da solidariedade dos bairros de onde provêm. Desse modo os blocos se colocam como reforçadores do bairrismo e da vizinhança, fenômenos que tendemos a tomar como irrelevantes na nossa apreciação do mundo urbano moderno (DA MATTA, 1997, p. 128).

Com esse grupo não é diferente. Diante de toda vivência no cenário carnavalesco desse Bloco, é notória a importância que o mesmo tem para a comunidade na qual ele está inserido. Claramente nem todos na comunidade são participantes oficiais do Bloco, mas sentem-se como se pertencessem. Há um sentimento de orgulho ao ver o Bloco que representa a sua comunidade em um desfile na Passarela, por exemplo.

Encontramos os primeiros relatos sobre os Blocos Tradicionais nos jornais, a partir da década de 1930. A princípio, denominado como Blocos de Ritmo, devido a sua batida cadenciada e inconfundível ao folião ludovicense, passa com o tempo a ser designado pela imprensa da época como Bloco Tradicional. Apenas uma forma que a mídia encontrou para nominar mais uma brincadeira do Carnaval de São Luís.

Sobre as designações nominais dos blocos, uma matéria do jornal *O Estado do Maranhão* explica:

O pesquisador Américo de Azevedo Neto recorda que a atitude deveu-se mais a questões administrativas, por causa da inclusão das tribos de índio no grupo que receberia uma verba para desfilar. “Algumas tribos se transformaram em bloco para isso. Aí, me perguntaram como definiriam quem não fosse bloco tradicional, e eu disse que seriam blocos organizados. Isso aconteceu mais para serem diferenciados e não por uma questão cultural” (O ESTADO DO MARANHÃO, 2000, p. 08).

Sabendo que foi apenas por medidas administrativas que os Blocos Tradicionais tomam essa denominação no cenário carnavalesco, trabalha-se com a ideia de que a essência dos blocos vai além de sua designação como Tradicional, mas sim, por toda a sua história que já existia muito antes de ter recebido esse nome e pela busca de sua própria identidade local.

Quanto aos primeiros informes desses blocos no Carnaval da ilha, Conceição de Maria Caldas Lisboa discorre:

Os primeiros relatos sobre os Blocos Tradicionais de São Luís são registrados na década de 30, pelos jornais da época que fazem referência aos blocos ‘Vira-Latas’, ‘Pif-Paf’ e ‘Os Brotos’. Nesta altura, o bloco ‘Vira-Latas’, é considerado o primeiro grupo desta manifestação quando o carnaval de São Luís acontecia nos clubes, com a realização de grandes bailes carnavalescos ou em festas promovidos pela elite e pela intelectualidade, nos sobradões do centro da cidade (LISBOA, 2008, p. 343).

A respeito do Bloco Vira Latas, fundado em 1933. Ananias Martins relata que, segundo um ex-folião do bloco, Ruy Habibe: *“tanto a vestimenta tipo fofão adotada depois por todos os blocos maranhenses, como os grandes tambores que faziam a batucada, foram invenções do ViraLata”* (MARTINS, 2013, p. 100). Entra, portanto, no cenário tão múltiplo do Carnaval da ilha, um novo bloco que vem trazendo um instrumento novo, o contratempo²⁶, gerando assim, um som inigualável no Carnaval ludovicense.

Hoje, no ano de 2016, temos ao todo mais de 40 Blocos Tradicionais, divididos em grupos A e B, conforme foi designado pela Secretária de Estado da Cultura. Destes posso destacar alguns nomes: Príncipe de Roma, Os Feras, Os Vampiros, Os Foliões, Os Apaixonados, Os Originais do Ritmo, Os Brasinhas, Os Tremedões, Os Trapalhões, Os Vingadores, entre outros. Enfim, há uma grande diversidade de Blocos Tradicionais nesse cenário de folia e âmbito de competição que é o espaço da Passarela do Samba. Essa questão, assim como as principais transformações desses blocos, serão trabalhadas mais a fundo no próximo tópico com a história do Príncipe de Roma.

Uma característica diferenciadora dos Blocos Tradicionais são seus núcleos de formação. Vamos perceber isso, de acordo com a história do Príncipe, que tem, assim como, na maioria dos Blocos Tradicionais, sua formação no âmbito familiar, no seio de uma comunidade. Permite-se que a acessibilidade para participar da brincadeira seja mais restrita, tornando esses grupos mais fechados e sendo pela maioria dos mais velhos considerada uma brincadeira elitizada.

Mas, além dessa formação no âmbito familiar, de acordo com as pesquisas e entrevistas, e tendo em vista que, como autora deste trabalho, nasci em uma família cuja suas raízes carnavalescas se encontram em um Bloco Tradicional, no caso, o Príncipe de Roma, percebo que há uma relação composta nesses blocos, nos quais internamente existe um relacionamento comunitário e familiar, mas também administrativo e racional. Sobre essa questão Conceição de Maria Caldas Lisboa, comenta:

²⁶ Tambor alongado, coberto por couro de bode, que provoca um som inconfundível do Bloco Tradicional.

As relações sociais comunitárias pautam sua ação social por um sentimento de pertencimento a um grupo, afetiva ou tradicionalmente, enquanto as relações associativas referem-se a um ajuste ou união estabelecidos por interesses racionais, motivados por valores ou fins. Essas relações sociais podem ser abertas ou fechadas, podendo estes estados se alternarem numa mesma relação social em épocas diferentes. (LISBOA, 2008, p. 348).

No contexto dos Blocos Tradicionais, observam-se essas duas relações. Há uma relação comunitária, em que os membros da família e da comunidade an qual o bloco está inserido vivenciam este elo de pertencimento, afetividade e de amor ao bloco. Assim como há uma relação mais racional, pois há todo um processo burocrático na qual esses blocos passam para participar do circuito carnavalesco, de modo a se adequarem a todas as regras estipuladas para o desfile na Passarela do Samba, além do fato que participar de um Bloco Tradicional, principalmente dos mais antigos, gera um certo prestígio e deve-se prezar por ele.

Talvez esse seja um dos motivos pelos quais esses blocos não são tão difusos no Carnaval em nível nacional. Como já falei anteriormente, a brincadeira só é encontrada no Carnaval de São Luís, e pode-se levar em consideração, o fato de ser realizada por um grupo fechado – participantes de uma mesma família ou membros de uma comunidade – o que dificulta sua expansão nesse folgado tão valorizado em nosso país. Fato que podemos constatar ao perguntarmos para alguém de outro estado, se o mesmo é conhecedor da existência desses Blocos Tradicionais no Carnaval, e obteremos uma resposta negativa, sempre muito comum.

Outra característica marcante dos Blocos Tradicionais e diria que, a mais diferenciadora dos demais blocos, seria a sua batida. Utilizando instrumentos como: retinta²⁷, reco-reco²⁸, ganzás²⁹, cabaças³⁰, agogôs³¹ e apitos, compondo assim um som uníssono.

Será em sua batida ritmada e cadenciada que esses blocos irão se consolidar no Carnaval ludovicense. Como autora deste trabalho e também uma brincante, lembro-me da primeira vez que vi e ouvi um Bloco Tradicional, e este, não poderia deixar de ser o Príncipe de Roma. Tinha sete anos de idade e quando ouvir o apito – ato que demarca a sinalização que todos os instrumentos devem parar e ficar apenas a batida do contratempo – tive a certeza que

²⁷Tocada com duas baquetas finas. Mede aproximadamente 17 cm de altura e 45 cm de diâmetro.

²⁸Instrumento de percussão com entalhes transversais, sobre os quais se esfrega uma vareta, fazendo um som rítmico.

²⁹ Instrumento de percussão de origem africana, no qual se agita para produzir um som, tipo chocalho.

³⁰ Consiste em uma cabaça seca cortada em uma das extremidades e coberta por redes de contas.

³¹Instrumento afro-brasileiro com duas campânulas de ferro que produz seu som por uma vareta de metal.

aquela sensação de arrepio no corpo e a motivação de pular cadenciadamente jamais sairia de minha cabeça.

O ritmo tão característico desses blocos motivaram muitos a destacar no próprio nome do grupo a sua designação. Em uma reportagem da década de 80, do jornal *O Estado do Maranhão*, pode-se perceber que apesar de já serem designados como Blocos Tradicionais, muitos ainda carregam o nome reportando-se ao ritmo tão diferenciado que esses grupos têm e como antes eram denominados:

Cada bloco tradicional teve 10 minutos para apresentação, o suficiente para que o público pudesse aplaudir, de pé, o luxo de suas fantasias. O primeiro bloco a se apresentar na praça João Lisboa, foi Os Tremendões, seguido de Os Comentados do Ritmo, Escolinha Bessa, Os Bambas do Ritmo, Os Corujas, Os Inacreditáveis, Os Gaviões do Ritmo, Brasinhas do Ritmo, Os Foliões, Os Brotos, Os Velinhos Transviados, Os Fantásticos, Os Vigaristas e, no encerramento, Os Versatéis [...] (O ESTADO DO MARANHÃO, 1980, p. 01).

Dessa maneira, percebemos que apesar de já serem designados pela imprensa e órgãos competentes do Carnaval de São Luís como Blocos Tradicionais, muitos ainda faziam questão de destacar o tão glorioso ritmo em seus nomes.

Outra característica dos Blocos Tradicionais traduz-se nos trajes de extremo luxo. Ao se observar seu desfile na Passarela, constata-se uma disputa de fantasias acirrada, sendo uma mais rica do que a outra.

Figura 2: Bloco Tradicional Os Vampiros em 2012



Disponível em: < <http://henriquemachadoma.blogspot.com.br/2014/01/os-vampiros-noite-dos-mascarados.html>>
acesso em 13 de jun. 2016

Na foto acima de um dos Blocos Tradicionais de São Luís, percebe-se o grande requinte da fantasia. Em uma reportagem do jornal *O Estado do Maranhão*, encontra-se uma definição mais precisa desses Blocos, assim como de seus trajes:

De tão que é a diversidade cultural maranhense, às vezes o folião se pega confuso quanto aos ritmos e brincadeiras que vê pelas ruas durante o Carnaval [...] Como o próprio nome já indica, o bloco tradicional é uma das mais características brincadeiras da cultura maranhense – mais especificamente do período carnavalesco [...] Com indumentárias luxuosas – retratando as antigas roupas utilizadas pelos nobres europeus, composta por plumagens, pedraria, paetês e tecidos aveludados ou brilhosos, os blocos tradicionais ganharam o toque genuinamente maranhense ao adequarem a todo este visual pomposo uma batida típica da terra, feita em boa parte por grandes tambores (O ESTADO DO MARANHÃO, 2000, p. 08).

Diante da reportagem, percebe-se que de fato os Blocos Tradicionais abusam do luxo, no uso das plumas, uma das características que demarcam a riqueza da fantasia, além das lantejoulas, paetês, couro, mantas de veludo e mais recentemente, capricham em uma maquiagem bem criativa. Algo que foi muito visto no Carnaval de 2016, como podemos ver na imagem abaixo

Figura 3: Bloco Tradicional Os Apaixonados em 2016



Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2016/noticia/2016/02/blocos-do-grupo-se-apresentam-na-2-noite-de-desfiles-em-sao-luis.htm>> Acesso em 13 de jun. 2016

Percebe-se que o luxo das fantasias é uma marca tradicional desses blocos, mas isso não impede que haja inovações, como por exemplo, o uso dessas maquiagens que antes não eram comuns. Outro fato, é que muitos dos dirigentes de Blocos Tradicionais, atualmente viajam para comprar os materiais das fantasias de seus blocos em outros Estados. Isso não deixa de ser uma inovação e algo que faz parte desse processo de transformação que me aprofundarei mais no próximo tópico.

Além do seu ritmo diferenciado e de suas fantasias extremamente luxuosas, há toda uma preparação para o desfile de um Bloco Tradicional. O preparo vai além da confecção de suas fantasias, mas na harmonia de sua bateria e dança.

A dança consiste em uma simultaneidade de movimentos com as pernas e mãos, de uma forma alternada, acompanhando o ritmo cadenciado da bateria, em forma de pulos, promovendo assim, um lindo bailado. Geralmente a dança é executada pelas balizas, ou seja, as mulheres do bloco, mas hoje já encontramos homens que também desempenham esse papel.

Já a batucada utiliza instrumentos de percussão, dos quais já falei e defini mais acima, produzindo um ritmo forte e irreverente. Portanto, existe um conjunto que deve estar em perfeita comunhão, não só no dia do desfile, mas também em suas apresentações pelo circuito carnavalesco.

Quanto ao espaço de apresentação desses Blocos Tradicionais, consta em ambientes diversos. A princípio, esses blocos não recebiam cachê, levo como exemplo o Bloco Príncipe de Roma, que em seu ano de fundação não recebeu nenhuma ajuda, como conta Maria da Graça Guimarães Barbosa, viúva do fundador do Bloco:

No primeiro ano não tivemos ajuda de nada, foi esforço próprio, de cada um, dando a sua partição e a vontade de brincar. Só no segundo ano tivemos ajuda da Maratur, que hoje é a cultura, né, com o Américo de Souza (BARBOSA, 2016, s.p.).

O que valia, como se pode perceber diante do depoimento, era a vontade de brincar e ser um participante do circuito carnavalesco. Todos ajudavam no que podiam para colocar o Bloco na rua. Na época, as apresentações ocorriam nas ruas e casas de amigos. Posteriormente, as apresentações se tornaram mais intensivas no período de pré-carnaval, ocorrendo nas mais diversas praças dos bairros de São Luís, assim como no principal circuito de apresentação dos blocos, no bairro da Madre Deus:

Esse ano, os integrantes do bloco tradicional Os Foliões prometem inovações para as ruas de São Luís. Seus componentes, rapazes e moças, formarão um grande bloco de sujo para sair pelos bairros durante as folgas. Todos estarão vestindo roupas usadas, trajes lembrando animais e homens vestidos de mulher, tocando latas velhas e soltando muito pó. São os folietes, que prometem agitar o bairro de São Pantaleão (O ESTADO DO MARANHÃO, 1994, p. 09).

Hoje, não é mais permitido que os Blocos Tradicionais se apresentem sem estarem vestidos com a sua fantasia do ano anterior, no circuito pré-carnavalesco. Assim como não saem mais as ruas de forma aleatória. Atualmente há um circuito estabelecido, no qual no pré-carnaval, os blocos sabem exatamente os locais que devem se apresentar e qual o tempo de duração de sua apresentação, claro que não com o mesmo rigor da Passarela, mas o circuito também possui as suas regras.

4.2 A origem do Bloco Tradicional Príncipe de Roma

Em meio a esse cenário tão heterogêneo que se constitui o Carnaval ludovicense, surge no bairro do Lira, na Rua Padre Roma, no ano de 1969 um Bloco que fará sua história nesse folguedo tão valorizado, o Bloco Tradicional Príncipe de Roma. Seu fundador é Alberto Baima Barbosa, um apaixonado pela cultura carnavalesca de São Luís. O Bloco surge como um anseio que o senhor Alberto tinha de se inserir e vivenciar a flor da pele, o Carnaval da ilha.

Junto com sua esposa, Maria da Graça Guimarães Barbosa, decide então formar um Bloco Tradicional ou de Ritmo, como era denominado na época. Cabia agora pensar em um nome que os diferenciasse e os colocasse na história do Carnaval ludovicense. Assim, ninguém melhor para relatar como tudo começou, do que a viúva do senhor Alberto:

Nós morávamos na Rua Padre Roma, quando o presidente e dono Alberto Baima Barbosa, inventou de botar um bloco e nessa época chegou um irmão dele do Rio. Então, ele puxou o assunto que queria botar um bloco e não sabia qual era o nome do bloco que ele botava [...] aí ele perguntou qual era o nome da Rua e o Alberto respondeu – Padre Roma – então, o primo dele disse pra colocar o nome: Os Príncipes de Roma. E é por isso que o Bloco tem esse nome Príncipe de Roma, porque foi fundado lá na Rua Padre Roma (BARBOSA, 2016, s.p.).

Surge então um questionamento pertinente diante do nome do Bloco – Como poderia ser Príncipe de Roma, se em Roma não tinha príncipe? Consta aí o diferencial: o Príncipe de Roma passa a ser o príncipe do Lira, o príncipe da Madre Deus. Torna-se o príncipe dos olhos de Alberto Baima Barbosa e o príncipe de toda a família.

Portanto, o Bloco surge fazendo menção à rua na qual o senhor Alberto morava com sua esposa. Característica da maioria dos blocos, como já foi falado anteriormente. Dessa forma, o Príncipe nasce com o desejo íntimo do senhor Alberto em fundar um Bloco, inserido em meio a sua comunidade, seu bairro e mais especificamente, a sua rua.

Como aqui já foi falado, os Blocos Tradicionais, são grupos mais fechados e restritos no contexto do cenário carnavalesco. O Príncipe de Roma constitui-se então, em um campo de ambiente social, relativamente reservado, nas quais ações tanto sociais quanto coletivas são pautadas em normas, trazendo consigo nesse espaço restrito uma dinâmica que pode sofrer influências e modificações tanto internas quanto externas. Sobre o conceito de campo, utiliza-se do pensamento Bourdieu nas palavras de Chartier (2002):

Os campos segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros (CHARTIER, 2002, p. 140).

E assim se configurou o Príncipe de Roma, possuindo seu campo no espaço delimitado do bairro onde foi fundado, tendo como seus atores sociais o presidente Alberto Baima Barbosa e sua esposa Maria da Graça, juntamente com os demais membros do Bloco, que a princípio foram amigos e pessoas da família. Como nos conta Maria da Graça Guimarães Barbosa: “*Eram familiares que a gente conhecia, fizemos o convite e foi aceito,*

formando assim o bloco e saindo na rua [...] no primeiro ano saiu em média com 50 componentes” (BARBOSA, 2016, s.p.). Destaca-se que apesar de o Bloco estar inserido em um campo, com regras, princípios e hierarquias, como o próprio conceito define, isso não impediu que o mesmo acompanhasse as transformações externas, que conseqüentemente, levaram as suas transformações internas, nas quais veremos no decorrer deste capítulo.

No primeiro ano, como conta Maria da Graça Guimarães Barbosa (2016), o Bloco Príncipe de Roma saiu com a fantasia de príncipe. Os componentes, amigos mais próximos e familiares, saíram pelas ruas do Lira vestidos a caráter: todos com a peruca de príncipe, em roupa de gala e a manta³² de veludo pendurada nas costas. Esta se torna uma marca nas fantasias do Bloco.

Os primeiros instrumentos estão presentes até hoje, ocorrendo posteriormente a introdução de alguns, que citarei mais adiante. No primeiro ano, portanto, o “Príncipe sai de príncipe”, e com a sua batucada composta com os instrumentos de percussão, como: ganzás, reco-reco, tambor, marcação, cabaça e contratempo; participando de uma verdadeira performance cultural.

Entendendo-se por performance cultural, segundo Langdon (2012), tudo que expressa uma multiplicidade de formas diversas de ritos, ou seja, tudo que causa uma interrupção na fluidez da ação social, possuindo um espaço temporal, com personagens sociais, que buscam de alguma maneira expressar-se simbolicamente em seu próprio universo.

Dessa maneira, o Príncipe de Roma, entra agora nesse “mundo” de performance cultural que se constitui o Carnaval de São Luís. Passando a ser uma das maiores alegrias e orgulhos de Alberto Baima Barbosa, ver seus amigos mais próximos e familiares participando de um sonho que agora vira realidade, proporcionando não só a ele, mas a todos, um âmbito de confraternização e descontração.

Sobre o primeiro ano em que o Príncipe de Roma saiu, Nadja Maria Guimarães Barbosa, filha de Alberto, afirma:

Lembro dos componentes todos vestidos de príncipe, com uma peruca branca na cabeça, tocando aqueles tambores grandes que são chamados de contratempo. Uma lembrança de algo que parecia que estava vindo de um verdadeiro reinado[...]

³² A manta pendurada passa a ser uma característica marcante da fantasia do Bloco Príncipe de Roma. Proporcionando um ar mais clássico e imponente.

Aquilo me marcou muito, pois eu tinha dez anos na época, então aquele cenário pra mim era mágico e aquele som, jamais sairia da minha memória (BARBOSA, 2016, s.p.).

Quem conheceu o Alberto Baima Barbosa sabe o quanto o Carnaval e o Bloco eram importantes em sua vida. O Alberto vivenciava o Carnaval no seu cotidiano, sempre buscando uma forma de ampliar seu som e deixar a vizinhança ensurdecida com os sambas do Príncipe. Quando o Carnaval se aproximava, não tinha quem o fizesse sair da Madre Deus para visitar qualquer uma de suas filhas. Sobre as lembranças que tem de seu Alberto, conta Nadja Maria Guimarães Barbosa:

Meu pai era um apaixonado pelo Carnaval. Quando chegava a época, a emoção e a alegria que ele sentia em estar vivendo esses momentos, a gente olhava pra ele e parecia que estávamos vendo uma criança [...] Aquela alegria dele em tá envolvido, em participar, em brincar, em estar vendo também a família toda junta, brincando (BARBOSA, 2016, s.p.).

Dessa forma, no pré-carnaval, assim como durante o Carnaval, a família e amigos passam a se concentrar na casa do seu Alberto e dona Maria da Graça, tornando esse ambiente familiar a sede do Bloco. Proporcionando uma alegria inenarrável para quem, como Alberto, era um amante da folia: colocar o Bloco na rua e ver a união de sua família. Mas, embora o amor e orgulho pelo Bloco tenha se tornado infinito, seu Alberto e sua esposa não conseguem manter os custos de que o Bloco necessitava, saindo durante dois anos e retornando apenas em 1982.

4.3 O ressurgimento do Príncipe de Roma no Carnaval ludovicense

Após a fundação do Bloco, em 1969, o Príncipe de Roma, a princípio, saiu apenas dois anos nas ruas de São Luís. No primeiro ano, contou com o esforço do seu próprio Alberto e o seu sonho em fundar o Bloco, assim como a ajuda de familiares e amigos. No segundo ano, recebeu uma ajuda simbólica, do órgão de cultura competente da época, o Turismo. Mas ainda assim, ficou difícil manter o Bloco, ocorrendo sua suspensão durante 13 anos.

Durante os anos em que o Príncipe de Roma ficou sem sair às ruas, Honório Rosa Guimarães Neto, conhecido como “Netinho”, filho mais novo de Alberto e Maria da Graça, começa a crescer e a tomar conhecimento do cenário carnavalesco de onde sua família morava, no bairro da Madre Deus, reduto de uma diversidade de manifestações folclóricas. E

assim como seu pai, “Netinho” passa a venerar a batida e o espetáculo que os Blocos Tradicionais fazem ao sair pelas ruas no Carnaval de São Luís.

Tomando conhecimento que os seus pais já haviam fundado um Bloco Tradicional, no bairro do Lira, “Netinho” é tomado por uma vontade insaciável de participar de um Bloco Tradicional. O menino, agora com 13 anos, não negava o sangue e passava a pedir incessantemente a sua mãe que o deixasse participar de um Bloco que ficava perto de onde moravam, como nos conta o próprio Honório Rosa Guimarães Neto:

Uma vez, eu subindo a Vila Bessa, ainda criança, com uns 13 anos, eu ouvi a batucada de um Bloco Tradicional, chamado Os Bambas do Ritmo. Aquilo mexeu comigo, então, eu disse pra minha mãe que eu queria sair no bloco [...] Então, minha mãe foi na sede do Bloco, conversou com a dona, pois eu ainda era uma criança, né e me colocaram pra sair no bloco (NETO, 2016, s.p.).

“Netinho” então passa a seguir os mesmos passos do pai e da maioria de seus familiares, pois boa parte dos membros da família saía na época em Blocos Tradicionais. Sendo assim, ele segue saindo nos Bambas do Ritmo durante 3 anos, até que enxerga uma oportunidade de retomar com o Bloco de seu pai:

Fiz amizade com o neto da dona do bloco Os Bambas do Ritmo, Walbinho. A gente conversando uma vez, comentei que eu tinha vontade de botar novamente o Príncipe de Roma, de retornar com o Bloco do meu pai. E com isso, nós dois nos juntamos, e ele por ter acesso a sede do Bloco, começou a tirar alguns instrumentos e a me passar. E assim, nós dois juntos fomos formando um grupo com poucos instrumentos: um contratempo, uma retinta, uma cabaça, um ganzá e, retornamos com o Príncipe de Roma, com ajuda também do meu pai, seu Alberto, pois ele era o dono do Bloco. Então, ressuscitamos o Príncipe (NETO, 2016, s.p.).

Portanto, no ano de 1982, o Príncipe de Roma volta ao Carnaval de São Luís, dessa vez, para nunca mais sair. Com a ânsia de Netinho em retomar o Bloco de seu pai e com a ajuda do mesmo e de seu amigo, Walber Macedo Corrêa, mais conhecido como Walbinho, o Príncipe da família e agora, do bairro da Madre Deus, ressurgiu pelas ruas da Madre Divina, trazendo de volta a alegria da família e dos amigos.

Figura 4: Bloco Tradicional Príncipe de Roma em 1982



Fonte: Acervo do Príncipe de Roma

Na imagem acima são alguns brincantes do Bloco, no primeiro ano depois do tempo em que ele passou suspenso. A fantasia foi toda em seda, com o tema de Pierrô. Apesar da simplicidade da vestimenta, comparada as atuais, foi com grande satisfação que “Netinho”, juntamente com seu amigo Walbinho e seu pai Alberto, colocaram novamente o Bloco na rua.

A alegria toma conta novamente de Alberto Baima Barbosa, sentimento que agora ele pode compartilhar com seu filho caçula, pois nesse, veio no sangue toda paixão e dedicação ao Príncipe de Roma.

O Bloco agora conta com ajuda de custo da Maratur, além dos esforços de Alberto, Maria da Graça e “Netinho” que passam a fazer inúmeras festas promocionais para arrecadarem dinheiro para o Príncipe de Roma. Nadja Maria Guimarães Barbosa (2016), a filha do “meio” do casal, relata as inúmeras festas que os pais faziam, como caranguejada, churrascos, feijoadas, tudo com o objetivo de juntar dinheiro para fazer um belo Carnaval.

Até hoje, ainda é muito comum no Bloco essas confraternizações. O Príncipe de Roma sempre faz uma feijoada com o objetivo de promover a confraternização e união de seus brincantes, algo que é prioritário desde a época do seu Alberto, haja vista que uma das características do Bloco é a sua integração com familiares e pessoas da comunidade.

O Príncipe então retoma agora sob o comando de “Netinho”, apesar de seu pai ainda estar vivo e muito ativo na participação do Bloco no Carnaval de São Luís. A casa da família no bairro da Madre Deus torna-se a sede do Bloco, lugar que passa a ser reduto dos brincantes em época de Carnaval como lembra Maria da Graça Guimarães Barbosa:

Minha casa era cheia, era lotada! Aqui era a sede do Bloco Príncipe de Roma, depois que mudamos do Lira, onde a sede era na nossa casa de lá. Então, quando a gente mudou, a sede passou a ser agora aqui, continuando na nossa casa. Eu sempre em frente, organizando[...] Passava noites acordada bordando e cozinhando para os participantes. Os brincantes do Bloco me chamavam de Mãe Santa, como me chamam até hoje. O próprio Bulcão que na época compunha os sambas do Príncipe, e estava à frente do Bloco junto com Alberto, sempre quando me encontra, me chama de Mãe Santa (BARBOSA, 2016, s.p.).

É interessante perceber-se o respeito e a veneração que os brincantes possuem por quem comanda o Bloco. O respeito que possuíam por Alberto Baima Barbosa e o respeito, pela sua esposa e hoje viúva, Maria da Graça, é indescritível. Até os brincantes atuais a respeitam e a veem como detentora de uma grande sabedoria nesse meio.

4.4 Memórias de um Príncipe de Roma no Carnaval de São Luís

Depois que “Netinho” retoma com o Bloco, apesar de oficialmente, Alberto Baima Barbosa ainda ser o presidente nesses primeiros anos, na prática o Bloco já fica sob o comando de Honório Neto. O que não significa dizer que Alberto deixou de ter uma participação ativa perante os componentes, pelo contrário, ele ainda era muito atuante, sempre passando para o filho toda sua sabedoria carnavalesca, buscando sempre inovar com suas ideias criativas e fazendo com que os demais brincantes comesçassem a se acostumar e a respeitar o “Netinho”.

Figura 5: Alberto Baima Barbosa no Carnaval de 1983



Fonte: Acervo do Príncipe de Roma

Na imagem acima, temos o Alberto Baima Barbosa, fundador e presidente do Bloco na época, desfilando na Praça Deodoro, no ano de 1983, tocando o seu instrumento oficial, o ganzá. Ressalta-se a diferença da fantasia do ano de 1982 para o ano de 1983. No ano seguinte, o vestuário já se mostra mais elaborado: conta com botas, a manta em veludo e bordada, mais brilho e ornamentação.

É inevitável não perceber o orgulho que o Alberto tinha ao desfilarem pelo Bloco. Ele realmente se sentia um verdadeiro príncipe e o era! E assim, o Bloco percorreu toda a década de 1980, contando com a participação de Alberto Baima Barbosa, na presidência, sua esposa Maria da Graça na organização de fantasias e bordados, seu filho “Netinho” na liderança, seu amigo Walbinho como cantor e os demais amigos, familiares e pessoas da comunidade como brincantes.

Bernardo Pereira da Silva Júnior, que saiu durante 5 anos no Bloco, depois que “Netinho” retomou, nos fala sobre o Príncipe da década de 1980:

Saí logo no primeiro ano, quando Netinho retomou com o Bloco. Foi uma fantasia toda em seda, fantasia simples, saímos de sapatilha, mas foi bem elaborada. Saí tocando reco-reco e a bateria tinha em média uns 30 componentes. Na década de 80, o Bloco desfilava na Praça Deodoro. A brincadeira era muito saudável, apesar de já haver competição, esse sentimento ainda não era tão aflorado nos participantes, estávamos ali pra brincar. O relacionamento com os integrantes era muito bom, porque a maioria fazia parte do nosso ciclo, era os namorados das filhas de seu Alberto, primos, amigos próximos, pessoas da comunidade, todo mundo cresceu junto[...] era um ambiente familiar, fraterno, a gente só queria colocar o Príncipe na rua. Hoje, quando chego na casa de dona Santa, onde ocorre a concentração do Bloco pra Passarela do Samba, vejo todo mundo apreensivo, pois tem o sentimento de competição, o Príncipe está indo para ganhar. Na minha época, a gente ia com o coração em paz, aproveitando tudo [...] outro ponto, são as fantasias, antes eram mais leves, a gente conseguia brincar os 4 dias de Carnaval tranquilo, mas hoje, apesar do extremo luxo, as fantasias são bem mais pesadas e isso se torna cansativo para o brincante (JÚNIOR, 2016, s.p.).

Outro que relata sobre o Bloco na mesma década foi uma das figuras centrais para a retomada do Príncipe, levando-se em consideração que, foi quem forneceu os primeiros instrumentos para o Bloco voltar às ruas, o Walber Macêdo Corrêa, mais conhecido como Walbinho:

Conheci Netinho quando ele entrou para os Bambas, éramos adolescentes na época, ele com 13, eu tinha uns 14 anos [...] Eu tinha acesso facilitado na sede, minha avó era a fundadora. Então, fiz amizade com Netinho e ele me contou que queria voltar com o Bloco [...] como naquela época a gente não tinha essa competição acirrada de hoje, eu comecei a pegar alguns instrumentos da sede, até completar uma bateria pequena, mas completa, então, Netinho e seu Alberto voltam com o Bloco [...] o Bloco voltou e passou a ser minha paixão também, cantei nos primeiros anos, era muita emoção! Hoje eu vejo que a rapaziada não tem o mesmo amor e paixão que tínhamos pelo Bloco, a gente se envolvia, era um relacionamento de muita amizade, a gente virava a noite na casa de dona Santa, cobrindo tambor, ajudando a bordar nossa fantasia. Naquela época, cada um assumia a responsabilidade pela sua fantasia, a ajuda de custo era pouca, quem quisesse sair, saía por amor, porque o brincante bancava sua fantasia toda [...] Hoje, não saio mais em nenhum Bloco, mas quando ouço o batida do Príncipe, fico todo arrepiado. Foi muito bom naquela época, não volta mais! (CORRÊA, 2016, s.p.).

É interessante perceber-se nas memórias dos ex-brincantes e atuais brincantes que há geralmente uma discordância quanto a melhor época do Bloco. Isso é algo lógico, pois aquilo que vivenciamos, é aquilo que temos propriedade para falar, portanto, independente da época em que o brincante está inserido, será essa que ele tem gravada em sua memória e para ele, sempre será a melhor.

Dessa forma, as pessoas que compartilharam de uma mesma época, geralmente possuem memórias em comum, ocorrendo assim, uma relação indissociável entre a memória individual e a memória coletiva, como ressalta Halbwachs (2006):

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser construída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Desse modo, é habitual que memórias de um mesmo espaço temporal, embora sejam construídas por memórias individuais, se constituam sobre uma base comum. Claro que haverá pontos discordantes e singulares na memória de cada indivíduo, mas a memória coletiva acaba sempre se formando com uma sustentação sólida que vai se perpetuando.

O Príncipe entra agora na década de 1990. Honório Rosa Guimarães Neto assume oficialmente a presidência do Bloco em 1993, pois infelizmente Alberto Baima Barbosa, seu pai e fundador do Bloco, encontrava-se debilitado, não tendo mais condições físicas de sair nos desfiles.

Mas, mesmo estando debilitado, a casa de Alberto e de sua esposa, Maria da Graça e onde também morava o “Netinho”, permanece sendo a sede oficial do Príncipe de Roma. Ocorrendo ainda todos os preparativos pré-carnavalescos para o desfile do Bloco, que conta desde 1989 com outro endereço, a Passarela do Samba, localizada no Anel Viário.

Entrar na década de 1990, trouxe bons resultados para o Príncipe de Roma. O mesmo, será vencedor na Passarela três vezes durante essa década. Tendo o Bloco, já se consolidado no Carnaval ludovicense, incrementando cada vez mais suas fantasias e contando desde 1985 como intérpretes dos sambas de Luís Bulcão, os cantores Inácio e Brandão, que hoje compõe a Companhia Barrica; no ano de 1990, o Príncipe de Roma ganha seu primeiro título na Passarela do Samba.

Figura 6: Inácio e Brandão no Carnaval de 1993



Fonte: Acervo do Príncipe de Roma

Como mostra em reportagem do jornal O Estado do Maranhão, o Príncipe de Roma já era um dos favoritos no Carnaval daquele ano:

Roupas coloridas, músicas lentas e ao mesmo tempo contagiante e animada, tendo como base o contra-tempo um tambor alongado – e uma dança ritmada com pequenos saltos. Assim são os blocos tradicionais que animaram a abertura do desfile na tarde de domingo na Passarela do Samba. Príncipe de Roma foi o que mais animou o público disputa o título com os Tremendões e os Foliões (O ESTADO DO MARANHÃO, 1990, p. 06).

Nesse ano, o Bloco entra com ânsia de vitória e, tendo como tema “Príncipe Nubente de Verona”, consegue fazer uma brilhante apresentação. Com uma fantasia branca, de bordados azuis e vermelhos, Dinaleia Linda Silva Guimarães, esposa do “Netinho” e brincante do Bloco, até hoje relembra esse título:

Ah, foi muito lindo! O Príncipe contou a história de um amor, fazendo uma valsa na Passarela. No final, colocamos crianças para soltar os balões brancos e realmente foi mágico, a plateia toda envolvida e aplaudindo [...] O Príncipe de Roma, pra mim, é a história da minha família, desde que casei somos envolvidos no Bloco (GUIMARÃES, 2016, s.p.).

Então, o Príncipe de Roma ganha seu primeiro título, após receber as maiores notas nos quesitos: fantasia, evolução, ritmo, desfile, melodia, letra do samba e Cronometragem. Entrando, efetivamente para a História como campeão na categoria Blocos Tradicionais, causando a alegria de seu Alberto, de “Netinho” que tanto lutou para retomar o Bloco, assim como de suas irmãs e toda família e comunidade participante.

Sendo presidente a partir de 1993, Honório Neto, tem como responsabilidade levar adiante o legado de seu pai, com muita paixão e dedicação, assim como Alberto Baima Barbosa fazia. Mas é importante ressaltar que o fato do seu Alberto transmitir a sua herança para o filho, no caso o Bloco Tradicional Príncipe de Roma, não significa dizer que o Bloco se manteria igual aos primeiros anos. Nessa década, já não era mais o mesmo, não por falta de amor e dedicação por parte de quem assumiu, mas porque, como já foi aqui falado, segundo Burke (2008), ao se passar uma cultura para novos receptores, os transmissores devem ter consciência que a mesma passará por um processo de reconstrução e assim, ocorreu com o Bloco.

A configuração já não era mais a mesma: o Príncipe dos primeiros anos que se apresentava na porta de amigos e depois fazia sua confraternização, agora passa ao Príncipe das passarelas, em busca de mais títulos e inovações em seu espetáculo. O que não considero um ponto negativo, tendo em vista que, o Carnaval passou por diversas fases, como aqui já apresentei, logo o contexto vai mudar, e quem é participante assíduo desse folguedo tem que se adaptar a cada mudança.

No ano seguinte de seu primeiro título, em 1991, o Príncipe vem de branco e azul, com o tema “Príncipe das Águas Claras”, ficando em 2ª lugar no Carnaval, com o samba de autoria de Luís Bulcão, considerado um dos mais belos sambas do Bloco:

Vem amor
Teu Príncipe chegou pra te buscar
Vem navegando nas águas claras da alegria
Onde serei a minha dor ao te encontrar [...]
Vem amor
Foi nos teus braços que encontrei o que perdi
Nos teus abraços aqueci a esperança
De não ter mais que sofrer por ti [...]
És minha sereia do mar
Metade carinho e paixão

E a outra é só desilusão.³³

Uma característica dos sambas do Príncipe de Roma consiste no fato de que ele sempre está em busca de seu amor ou sofrendo por ele. Ele é um Príncipe em eterna busca por sua princesa. E na Passarela, independente do tema que o Bloco apresente, sempre será retratado nos sambas uma história de amor, desde seu primeiro título.

Depois de 1990, o Príncipe é vencedor do Carnaval nos anos de 1994 e 1995. Em 1994, ele ganha com 50 pontos o primeiro lugar na categoria de Blocos Tradicionais, juntamente com Os Versatéis e os Tremendões. E no ano de 1995, com o tema “Livre pra voar”, inspirando-se no voo dos pássaros, samba de autoria de Luís Bulcão e ainda contando como intérpretes Inácio e Brandão, ganha mais um título. Sobre esse espetáculo, Concimar Linda Silva, lembra:

Foi um espetáculo lindo. O Príncipe sempre apresentou muito luxo na Passarela. Naquela época ainda não tínhamos as facilidades que temos hoje, virávamos noites e noites bordando, saíamos com as mãos queimadas de cola quente, mas o Príncipe saía bonito! Nesse ano, a gente se inspirou no vôo dos pássaros, azul e branco. Foi um desfile que a gente queria retratar a liberdade, a leveza e claro, o amor que o Príncipe sempre busca (SILVA, 2016, s.p.).

O Príncipe passa a inovar cada vez mais na Passarela do Samba. Sempre com os esforços de “Netinho”, sua esposa Dinaléia Guimarães, tendo como carnavalesco do Bloco na época o Darlan Pereira, contando ainda com a ajuda de sua mãe, Maria da Graça Guimarães Barbosa, suas irmãs, Nadja Maria Barbosa e Maria Benedita Barbosa, suas sobrinhas, e seus filhos Rodrigo Guimarães e Robert Guimarães, que desde pequenos já saiam no Bloco e ganharam o gosto cedo pela tradição da família, além dos inúmeros amigos do bairro da Madre Deus.

O Bloco entra na década de 2000 já contando com o apoio financeiro da Fundação Municipal de Cultura (FUNC). E sem ganhar o Carnaval há cinco anos, o Príncipe ganha de presente na virada do século seu 4º título no Carnaval ludovicense. O tema daquele ano foi “O Príncipe de Roma na Corte dos Tupinambás”, a partir do qual o Bloco sai de branco, preto e prata. Sobre esse título, Rodrigo Jadson Silva Guimarães, comandante do Bloco e filho de “Netinho”, relata:

³³ MACHADO, J. (2012, Dezembro 18). Príncipe das águas claras: Príncipe de Roma – 1991 [Arquivo de vídeo]. Encontrado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LQHBbO1DZME>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

A gente já tava um bom tempo sem ganhar o Carnaval. Nesse ano, a gente realmente queria vencer e fizemos bonito na Passarela. Apresentamos o tema “No Reino dos Tumpinambás”, o Bloco todo em branco, prateado e preto [...] Nesse ano, o cantor já era Gabriel, mas o enredo de Bulcão ainda. Todo mundo cantando nas arquibancadas o samba, a comissão de organização distribuindo panfleto com a letra pra todo mundo [...] Foi realmente muito bonito, a gente merecia ganhar (GUIMARÃES, 2016, s.p.).

Naquele ano, portanto, o Príncipe fica em primeiro lugar, juntamente com Os Tremendões. O intérprete passa a ser Gabriel Melônio, cantor que interpretou vários sambas do Príncipe de Roma, no decorrer dessa década. Após esse ano, o Príncipe ganhará novamente o Carnaval de 2002, quando empata em primeiro lugar com os Blocos Tradicionais os Tremendões e os Vampiros. Busca-se, no ano seguinte, mais um título, apresentando uma fantasia extremamente luxuosa.

Figura 7: Rodrigo Guimarães no Carnaval de 2003



Fonte: Acervo do Príncipe

Com o tema fazendo menção a Lua, o Príncipe apresenta um verdadeiro espetáculo de luxo e alegria na Passarela do Samba. Os brincantes foram com toda garra e disposição em busca de mais uma vitória. Com a fantasia em cores branca, prateada, com detalhes pretos e dourados, inspira-se no céu em uma noite de luar. Apresentando como enredo “É de Lua,

Luanda” e como seu principal puxador Gabriel Melônio, o samba irá retratar, como de costume, o Príncipe em busca de seu amor:

Oh, lua
 Lua, linda, lua
 Que nasce lá pras bandas do Bonfim
 Meu amor foi com as ondas
 Me deixou tão triste assim
 Vê se traz esta sereia
 Que se apaixonou por mim [...]

 É de lua, Luanda, é lua
 É de lua, Luanda, lua
 É na lua dos amantes
 Que teu príncipe vem te buscar (Luís Bulcão)³⁴

Mas ainda apresentando esse belo espetáculo, o Príncipe, não foi vencedor do Carnaval. Apenas em 2005 o Príncipe de Roma sai novamente com o título em mãos, alcançando assim o 6º título na Passarela do Samba, no Carnaval de São Luís.

Nesse ano, o Príncipe leva como seu tema o “Príncipe de Roma no Baile Africano, A Festa de Uma Raça”, trazendo como seu principal puxador o cantor Roberto Ricci, como lembra Honório Rosa Guimarães Neto:

Esse ano o Príncipe apresentou o Reino Africano, ou seja, toda riqueza e diversidade que faz parte da África, suas tribos, a luta do negro, a beleza da Savana [...] A fantasia foi inspirada em pele de animais, a gente queria fazer um verdadeiro baile africano na Passarela, afinal, todo Príncipe gosta promover um baile e nesse ano conseguimos e mais uma vez ganhamos o Carnaval (NETO, 2016, s.p.).

³⁴ MATv25anos. (2015, Abril 30). MATv25anos – Memória eletrônica: Príncipe de Roma – Campeão do carnaval 2002. [Arquivo de vídeo]. Encontrado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C2l6Dm84y9w>>. Acesso em: 10 mai. 2016

Figura 8: Netinho e sua esposa Dinaleia no Carnaval de 2005



Fonte: Acervo do Príncipe de Roma

A fantasia, como se percebe na imagem acima, foi inspirada em pele de animais, tendo partes de zebra, onça, plumas, apresentando assim, a riqueza da África e a diversidade das tribos. O samba foi brilhante e guardo na memória a letra com a interpretação de Roberto Ricci: *“Na magia da cor, faço o meu Carnaval. Sou Príncipe de Roma, no Baile Africano”*, e então, completava com a seguinte parte: *“Quebrando as correntes, entoando meu canto na dor, fazendo o grito do negro ecur”*. O Príncipe conquista assim, mais um título no Carnaval ludovicense.

E então, no ano seguinte, o Bloco completa 25 anos no Carnaval de São Luís, contando a partir da data em que “Netinho” retomou com o Príncipe. Assim, prepara um verdadeiro espetáculo, ainda mais luxuoso e inovador, conveniente com o aniversário do Bloco.

Figura 9: Príncipe de Roma na Passarela no Carnaval de 2006



Disponível em: <<https://i.ytimg.com/vi/UJB5PAwD9MI/hqdefault.jpg>> Acesso em 17 de jun. 2016

O Bloco apresenta como tema desse ano “Lua de Prata”. A fantasia toda branca e prata, com pompões e luvas, apresentando, mais do que nunca, um espetáculo de luxo na Passarela, fazendo valer todos os 25 anos em que o Príncipe abrilhantou o Carnaval de São Luís.

Como autora deste estudo, mas também brincante do Bloco, relato que de todos os títulos, esse em especial, foi o que mais me marcou. Lembrei de todo o esforço do meu avô, Alberto Baima Barbosa, assim como sua alegria e satisfação ao fundar o Príncipe de Roma e colocá-lo na rua. É importante ressaltar que naquele ano o Bloco completava 25 anos e apresentava uma chuva de confetes de prata durante todo o seu percurso na Passarela. Não tenho palavras para descrever a sensação de cantar o samba que tinha como refrão:

São 25 anos de procura

E bem querer, essa loucura.

Assim como a lua minguante

Nosso amor de repente se fez.

Depois vem de novo crescente

Virar lua cheia outra vez [...] ³⁵

Era indescritível. O Príncipe de Roma depois de 25 anos ainda procura por seu amor e declama sua paixão na Passarela. Dessa maneira, foi inevitável o Bloco não sair como o campeão do Carnaval de 2006, ganhando como presente de seus 25 anos, mais um título no Carnaval de São Luís. Enchia-se de orgulho a memória de seu Alberto, assim como toda sua família.

Após o ano de 2006, apesar do Príncipe de Roma, sempre apresentar um espetáculo de luxo, inovação e belos sambas, não conseguiu ganhar mais, na categoria de Bloco Tradicional, no Carnaval de São Luís. Depois desse ano, o Príncipe já saiu com diversos temas, como: “O Príncipe de Roma e O Fantástico Mundo das Cores” em 2013; no de 2014 já veio fazendo menção a Aquarela e no ano de 2015, o Bloco fez uma homenagem ao Astro de Ogum.

No último Carnaval, ano 2016, o Príncipe de Roma revolucionou com a sua fantasia. Depois de todos esses anos, optando pelo luxo de plumas e veludos na Passarela, o Bloco vem com o tema “Príncipe de Roma de Braços Abertos, O Espantalho da Ilusão”.

Figura 10: Bloco Tradicional Príncipe de Roma no Carnaval de 2016



Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/_conteudo/2016/02/impar/divirta_se/186569-blocos-tradicionais-abrilhantaram-a-passarela-chico-coimbra.html> Acesso em 17 de jun. 2016

³⁵ MATv25anos. (2014, Janeiro 21). MATv25anos – Raízes na TV: O Príncipe de Roma na passarela do samba em 2006 [Arquivo de vídeo]. Encontrado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UJB5PAwD9MI>>. Acesso em: 10 maio. 2016.

Apresentando uma fantasia toda em palha e pedrarias, o Príncipe de Roma inovou e trouxe para a Passarela do Samba tudo que há de mais criativo e surpreendente. Infelizmente, apesar de o considerarem como um dos favoritos, ele novamente não ganha mais um título. Questionado sobre as desilusões que já teve na Passarela do samba, Honório Rosa Guimarães Neto fala:

Quando a gente entra na Passarela, sempre entramos pra ganhar. Quem entra em um jogo não gosta de perder. É sempre frustrante quando se perde o Carnaval, principalmente quando sabemos que tínhamos capacidade pra ganhar [...] pra mim, um dos títulos que perdemos que mais achei injusto, foi o do último ano, pois viemos com uma proposta que ninguém esperava (NETO, 2016, s.p.).

O Príncipe de Roma tem inúmeras memórias. Fato totalmente compreensível para um dos Blocos Tradicionais mais antigos do Carnaval de São Luís. Portanto, neste tópico buscou-se apresentar a memória coletiva do Bloco, tendo em vista que as lembranças aqui apresentadas são de pessoas que vivenciaram o Príncipe de Roma em épocas diferentes, mas ainda assim se conseguiu encaixar e formar um ambiente comum, como ressalta Halbwachs(2006):

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Portanto, através das lembranças desse Bloco, busquei reconstruir pontos de proximidade que proporcionasse, a todos que já participaram e aos que ainda participam, um espaço comum, incluindo-os em um mesmo grupo, compartilhando das mesmas recordações, constituindo assim uma memória coletiva.

4.5 Transformações do Bloco Tradicional Príncipe de Roma no Carnaval de São Luís

Com o conceito de tradição inventada de Hobsbawn e Ranger (1984), no qual trabalho e já defini aqui, aplico agora, ao contexto do Bloco Tradicional Príncipe de Roma. Ressalto que apesar dessas tradições imporem regras e valores, por meio da reincidência, ou seja, dando prosseguimento ao passado; não significa dizer, que não ocorreram modificações no Bloco Tradicional Príncipe de Roma, no decorrer das décadas. Alguns hábitos permanecem os mesmos, assim como outros mudaram e se adaptaram ao contexto atual. E será isso o enfoque do discorrer nesse tópico.

O Príncipe de Roma encontra-se hoje em sua terceira geração. Teve como seu fundador e primeiro presidente Alberto Baima Barbosa, que por sua vez passou a presidência para o seu filho, Honório Rosa Guimarães Neto, em 1993. Atualmente, quem está na presidência do Bloco é o filho mais novo de “Netinho”, Robert Jackson Silva Guimarães, que assumiu a presidência em 2011.

Assim, o Bloco Príncipe de Roma é passado a cada geração da família. E a cada nova geração, encontramos um novo contexto, novas mentalidades e propostas, no qual o Bloco procura se adaptar, o que não significa dizer que este não busca manter sua essência, preservando as tradições deixadas pelo Alberto Baima Barbosa.

A primeira transformação do Bloco que posso citar, consiste em sua estrutura. Como o próprio Honório Neto (2016) ressalta, o Bloco antes contava com um número limitado de componentes. Era formado basicamente por 40, no máximo, 50 brincantes. Hoje, o Príncipe de Roma, conta com quase 150 componentes, o que mudou bastante a estrutura do Bloco.

Outro ponto seria a inclusão de novos instrumentos no Bloco. Os principais instrumentos de percussão permanecem até hoje, até porque são eles que fazem o diferencial na batida de um Bloco Tradicional, no caso, os tambores de couro, retinta e reco-reco. Mas foram introduzidos instrumentos de corda, como cavaquinho, banjo e violão de sete cordas. Se houve mudanças rítmicas quanto a introdução desses novos instrumentos com o passar do tempo, há um debate. Alguns participantes mais antigos dos Blocos Tradicionais, acreditam que houve uma aceleração no ritmo a partir da década de 80 e 90. Já Neto (2016) não concorda com essa assertiva, tendo em vista que a batida do Bloco Tradicional Príncipe de Roma permanece a mesma e com os instrumentos de percussão.

Outra questão observada no decorrer da pesquisa foi a evolução das fantasias do Bloco. As fantasias, de fato, acompanharam os avanços de cada época. Como a própria Maria da Graça Guimarães Barbosa (2016) comenta que, antes as vestimentas eram todas bordadas, pois não havia cola quente. Posteriormente, a cola quente é introduzida nesse cenário, facilitando a construção das fantasias. Além do mais, antes os próprios brincantes bancavam suas vestimentas, haja vista que o Bloco não tinha condições financeiras de suprir as indumentárias de todos. Atualmente, o Príncipe de Roma já fornece a fantasia para o seus brincantes. Pois, como muito esforço, o Bloco se consolidou no Carnaval de São Luís e possui alguns patrocinadores.

Outro apontamento nesse quesito é que apesar do Bloco sempre trazer a proposta do luxo de suas fantasias na Passarela, é sempre surpreendente como o Príncipe de Roma consegue superar as expectativas quanto ao desfile buscando introduzir novas matérias, sempre inovadores no Carnaval de São Luís. Atualmente, por exemplo, o Bloco não compra mais os materiais de suas fantasias na cidade: “Netinho” sempre viaja com a sua comissão pelas cidades do Brasil, buscando novidades para introduzir no Bloco, algo que não acontecia antes.

O Bloco também expandiu sua abrangência. A princípio, tinha como sua comunidade o bairro do Lira, pois fora fundado lá. Quando Alberto e sua esposa, Maria da graça, mudaram-se para o bairro da Madre Deus, o Príncipe passa a compreender a comunidade do Lira e da Madre Deus, assim como pessoas da família e amigos mais próximos. Atualmente, o Bloco conta com a participação de pessoas de diversos bairros da cidade, como Madre Deus, Lira, Vila Embratel, Cidade Operária, Cohatrac e por fim, Goiabal, comunidade onde a maioria dos brincantes fazem parte e da qual o Príncipe de Roma foi recebido e abraçado com muito amor.

Outra transformação do Bloco consta na sua organização para o Carnaval. Como o próprio Neto (2016) ressalta, o Príncipe de Roma atualmente, tem reuniões mensais. Ele conta com a ajuda de uma equipe, assim como de seus filhos, Rodrigo Jadson Silva Guimarães e Robert Jakson Silva Guimarães, atual presidente. Os preparativos para o Carnaval do ano seguinte começam logo após o resultado da Passarela. Busca-se assim organizar o Bloco minuciosamente durante o ano todo. Isto não era comum antes: a organização acontecia apenas nos 3 meses anteriores do Carnaval.

O Príncipe de Roma continua fazendo suas festas promocionais, mas essas também mudaram a sua configuração. O Bloco tem costume de sempre organizar uma feijoada, um almoço, com o objetivo não mais de arrecadar dinheiro, mas de promover uma confraternização de seus brincantes e a descontração dos mesmos, levando-se em consideração que o Bloco é uma família, na qual cada um possui uma função e ajuda como pode e, sendo assim, essas festas, acontecem em reconhecimento ao trabalho de todos.

E assim se constituem as transformações do Príncipe de Roma no Carnaval de São Luís. Para os que participaram do Bloco nos primeiros anos, essas transformações não são vistas com bons olhos, já para os participantes ativos, elas foram necessárias, pois, segundo

Giddens: “*é um mito pensar que as tradições são impenetráveis as mudanças*” (GIDDENS apud LISBOA, 2008, p. 358). Dessa forma, segundo Burke(2006):

O processo de transformação das tradições é impulsionado, em parte, pela necessidade de adaptar velhas ideias a novas circunstâncias, em parte por tensões entre formas tradicionais e novas mensagens, e em parte pelo que foi chamado de ‘conflito da tradição’ – o conflito entre a tentativa de encontrar soluções universais para os problemas humanos e as necessidades ou a lógica da situação (BURKE, 2008, p. 130)

E foi o que ocorreu com O Príncipe de Roma: mediante a necessidade de adaptar-se as situações que lhes foram apresentadas no decorrer dos anos, foi inevitável não ocorrer transformações internas no Bloco. Isto não significa dizer, como já ressaltado antes, que o Bloco tenha perdido a sua essência, assim como o seu objetivo de origem, que é o de promover a interação entre as diversas comunidades e familiares, proporcionando sempre um belo desfile no Carnaval de São Luís.

4.6 O Bloco Tradicional Príncipe de Roma na atualidade

O presidente oficial do Príncipe de Roma hoje é o Robert Jackson Silva Guimarães, filho mais novo de Honório Rosa Guimarães Neto, o “Netinho”. Embora o Bloco tenha como presidente oficial o Robert, este ainda está sendo preparado pelo seu pai para um dia assumir de fato a presidência, junto com seu irmão Rodrigo Jadson, primeiro comandante do Bloco. Tal treinamento ocorreu também com o “Netinho” quando retomou com o Bloco. Seu pai, Alberto, ainda passou alguns anos o preparando para deixá-lo posteriormente a frente de tudo.

Alberto Baima Barbosa faleceu no ano de 1998, quando “Netinho” passa a tomar a frente de todas as decisões, prometendo a sua mãe, Maria da Graça, que enquanto o Bloco Príncipe de Roma saísse no Carnaval de São Luís, a atração só sairia da porta da casa de seus pais.

Dessa forma, o Bloco até o presente ano faz a sua concentração para a Passarela, na porta da casa de Maria da Graça, chamada por Mãe Santa por todos os participantes. Uma tradição desde a época da fundação do Bloco e que vai permanecer, creio eu, enquanto vida dona Maria da Graça tiver.

Sendo questionado a falar como o Bloco se encontra hoje, Neto (2016) diz que no seu ponto de vista, o Bloco está bem melhor, pois hoje abrange bairros de toda cidade, além de haver reuniões praticamente duas vezes ao mês para discussão sobre: o tema do ano

seguinte, fantasia, samba e burocracias do Bloco, o que permite um convívio maior entre os brincantes, não só no período carnavalesco.

O Bloco conta atualmente com 150 componentes, um número alto de brincantes. O perfil dos foliões é o mais variado. São pessoas das comunidades já citadas, principalmente, dos bairros do Goiabal e Madre Deus, a família de Honório Neto, seus dois filhos e sua esposa Dinaléia Linda Silva Guimarães, suas cunhadas e seus respectivos maridos, sobrinhos, amigos próximos, entre outros. Enfim, há uma diversidade muito grande de componentes, o que não impede de formar um grupo unido, com um sentimento fraternal predominante.

Ao falar do Príncipe de Roma atual, Beatriz Xavier dos Santos (2016), mais conhecida como Biá, moradora do bairro do Goiabal, revela que optou sair pelo bloco junto com sua filha desde 2008. Sendo levada pelos diversos ensaios que o Príncipe promove em sua comunidade e vendo a interação de seus brincantes, proporcionando um ambiente saudável e de muita união, resolveu então, participar da família Príncipe de Roma:

Conheço um pouco da história do Bloco, mas tenho mais propriedade pra falar daquilo que vivi desde quando entrei, melhor dizendo, como o Príncipe se encontra hoje [...] Diante do que sei sobre o Bloco e do que vivencio hoje, percebo atualmente o Príncipe conta com uma diretoria, composta pelo Netinho, o seu cunhado Henrique e a Dulce da água, além de outras pessoas, né [...] então, o Bloco tem um dirigência, cada um é responsável por algo, cada um vai para um lado [...] Hoje, o Príncipe de Roma é a família do Goiabal, é a comunidade toda envolvida pra fazer um bom Carnaval (SANTOS, 2016, s.p.).

Percebe-se que o sentimento de comunidade nunca deixou de existir no Bloco, pois este se encontra presente até hoje. É comum chegar aos sábados na comunidade no horário de almoço e vermos os brincantes se confraternizando e idealizando o próximo Carnaval.

Figura 11: Brincantes do Bloco na comunidade do Goiabal no ano de 2016



Fonte: Acervo da autora (2016)

Na imagem acima, o primeiro à esquerda é o filho mais velho de “Netinho”, Rodrigo Jadson Silva Guimarães, primeiro comandante do Bloco. Ao seu lado, de camisa vermelha, Otávio Henrique Pereira, segundo comandante do Bloco. No centro, Robert Jackson Silva Guimarães, atual presidente do Bloco e por último, Beatriz Xavier dos Santos, conhecida como Biá.

Esta é uma cena muito comum aos sábados no bairro do Goiabal. Os brincantes se reúnem, descontraem e assim idéias vão surgindo para o próximo Carnaval. Sobre o Bloco atualmente, Dinaléia Linda Silva Guimarães (2016), esposa de “Netinho” e brincante do Bloco há 30 anos, relata não de forma negativa, que perdeu seus filhos e seu marido para a comunidade. Hoje, toda a sua família, assim como suas irmãs, cunhados e amigos próximos, fazem parte de uma só família, o Príncipe de Roma:

Tenho muito orgulho de ver o Príncipe de Roma hoje. Perceber que todo o esforço do meu sogro e do meu marido não foi em vão, é gratificante [...] O Príncipe é um dos Blocos mais esperados na Passarela atualmente. Ou seja, o Bloco conseguiu criar nome no Carnaval, pois sempre apresenta um espetáculo na Passarela, entende [...] (GUIMARÃES, 2016, s.p.).

Portanto, é com orgulho que os participantes atuais, assim como aqueles que já participaram, apesar de seu sentimento de nostalgia, constatarem que o Bloco Tradicional Príncipe de Roma sobrevive de maneira consolidada e bem quista no Carnaval de São Luís.

Mudanças ocorreram, adaptações também, mas tradições ainda permanecem e o que vale é perceber que o sonho de Alberto Baima Barbosa, além de mantido e respeitado até hoje, ultrapassou de forma positiva, tudo aquilo que um dia seu Alberto idealizou para o Bloco. Realidade esta que não poderia ser alcançada sem os esforços de Maria da Graça Guimarães Barbosa e seu filho Honórino Rosa Guimarães Neto, juntamente com a família Príncipe de Roma.

5 Considerações finais

Compreende-se que o universo dos Blocos Tradicionais, no qual o Bloco Tradicional Príncipe de Roma está inserido, é extenso e pouco explorado. Portanto, houve como objetivo nesse trabalho construir a história do Bloco por meio das memórias de seus brincantes e ex-brincantes, buscando me aprofundar na origem, continuidade e transformações do grupo, tendo em vista que, o Príncipe de Roma é um dos Blocos Tradicionais mais antigos do Carnaval de São Luís.

Desta forma, diante da deficiência de trabalhos que versem sobre esse universo, buscou-se discorrer sobre este aspecto a partir do Príncipe de Roma, tendo em conta a ligação afetiva da autora do trabalho com o Bloco, apresentando a história de amor e superação do mesmo no Carnaval ludovicense, bem como buscando detalhar as transformações pelas quais o Bloco passou.

Diante deste trabalho observou-se o quão difícil é definir a data exata em que os Blocos Tradicionais se originaram no Carnaval da Ilha. Mas, mesmo com todas as dificuldades encontradas no tema, conseguiu-se, a partir do Bloco Príncipe de Roma, apontar e analisar de uma maneira geral as diversas transformações pelas quais o Bloco passou e conseqüentemente os demais também passaram, levando em consideração, que a maioria das mudanças aconteceram de fora para dentro.

O Carnaval de São Luís passou por diversas fases, adaptando-se as brincadeiras participantes a cada uma delas, culminando em rupturas, transformações e continuidades. Quanto as mudanças ritmicas do Bloco, no que diz respeito as discussões sobre a aceleração da batida, haja vista que o mesmo faz parte da categoria de Blocos Tradicionais, ainda há um debate. Os participantes mais antigos desses grupos acreditam que a aceleração aconteceu, outros já discordam dessa afirmação. E diante das pesquisas e da vivência particular no Bloco Tradicional Príncipe de Roma, essa aceleração não ocorreu. O fato de haver a introdução de instrumentos de corda na bateria do Bloco não viabiliza a aceleração da batida, pois todos os instrumentos de percussão que compõe a batucada desde sua origem, ainda permanecem até hoje.

No que tange ao objetivo de construir a história do Príncipe de Roma, por meio da memória de seus brincantes, não se encontraram grandes dificuldades. Embora o cuidado deva existir ao lidarmos com memórias de épocas diferentes, pois sempre há pontos

discordantes, conseguiu-se construir a história do Bloco, encontrando uma base comum, pois o sentimento de amor e dedicação ao Príncipe de Roma é característica de todos que já fizeram parte e ainda fazem parte do grupo.

Assim sendo, compreendeu-se que as relações que os Blocos Tradicionais possuem com sua comunidade são uma característica intrínseca do Bloco Príncipe de Roma. Hoje o Bloco cresceu e com ele a família aumentou. Mas o sentimento de solidariedade, amizade e paixão, contidos desde sua origem e pelos quais o Alberto Baima Barbosa tanto prezava, ainda são vivos e prioritários.

Desta maneira, constatar ao final desse trabalho que se conseguiu apresentar um pouco da história do Bloco Tradicional Príncipe de Roma, tendo em vista, que a história do grupo vai muito além das memórias de alguns brincantes e recortes de jornais, é gratificante. Afinal, a história do Bloco merecia ser contada, pois ele é o Príncipe de Roma, o eterno Príncipe da Madre Deus.

Referências

ARAÚJO, Eugênio. Não deixe o samba morrer: um estudo histórico e etnográfico sobre o Carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba. São Luís: UFMA/PREXAE/DAC, 2001.

BHAKTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Moderna e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. Brasília: Hucitec, 1996.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Trad. Sergio Goes de Paula – 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sergio Leite Lopes. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 30 abr. 2002.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. História, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 401-419, ago./dez. 2011 – ISSN 1980-4369. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a19v30n2.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FERREIRA, Felipe. O livro de ouro do carnaval brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Rio de Janeiro – Ano 08, n. 13, 2008 – ISSN 1676-2924. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, F; MEIHY, J.C.S. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

LANGDON, Esther Jean; PEREIRA, Éverton Luís. (org.) Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo. Florianópolis: UFSC, 2012.

LE GOFF, Jacques. História e memória. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

LISBOA, C. D. C. Uma etnografia interpretativa dos blocos tradicionais de São Luís. Revista Cambiassu. São Luís, n. 4, jan/dez. 2008. Disponível em: <http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2008/conceicao.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MARTINS, Ananias. Carnavais de São Luís. São Luís: 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1999.

REIS, José Ribamar Sousa Dos. Folclore maranhense: informes. São Luís, 1999.

SILVA, Fábio Henrique Monteiro. O reinado de momo na terra dos tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996). São Luís: Eduema, 2015.

Periódicos

HOLANDA, Pergentino. Os velhos carnavais. O Estado do Maranhão, São Luís, 3 a 9 fev. 1980. Coluna do PH, p. 8.

HOLANDA, Pergentino. Noite de gala no Lítero. O Estado do Maranhão, São Luís, 9 de fev. 1980. Coluna do PH, p. 5.

JORNAL DO DIA, São Luís, 8 fev. 1970. Geral, p. 07.

JORNAL DO DIA, São Luís, 20 fev. 1969. Geral, p. 4.

JORNAL DO DIA, São Luís, 15 fev. 1969. Geral, p. 7.

JORNAL PEQUENO, São Luís, 26 fev. 1965. Geral, p. 5.

MACHADO, Nedilson. Bloco da Maisena é o “hit” do pré-carnaval. O Estado do Maranhão, São Luís, 24 jan. 2016. Coluna Em Cena, p. 2.

O IMPARCIAL, São Luís, 13 fev. 1955. Geral, p. 11.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 4 fev. 1983. Geral, p. 13.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 4 fev. 1979. Geral, p. 12.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 3 fev. 1980. Geral, p. 9.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 2 mar. 2000. Caderno Alternativo, p. 6.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 11 mar. 2000. Caderno Alternativo, p. 8.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 1 fev. 1980. Geral, p. 9.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 5 fev. 1994. Geral, p. 18.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 11 fev. 1995. Geral, p. 15.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 16 fev. 1980. Geral, p. 1.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 5 fev. 1994. Geral, p. 9.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 27 fev. 1990. Geral, p. 6.

Entrevistas

BARBOSA, Maria da Graça Guimarães. Entrevista, São Luís, 12 mar. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

BARBOSA, Nadja Maria Guimarães. Entrevista, São Luís, 15 mar. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

CORRÊA, Walber Macêdo. Entrevista, São Luís, 4 jan. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

GUIMARÃES, Dinaleia Linda Silva. Entrevista, São Luís, 16 mar. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

GUIMARÃES, Rodrigo Jadson Silva. Entrevista, São Luís, 2 abr. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

JÚNIOR, Bernardo Pereira da Silva. Entrevista, São Luís, 15 mar. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

NETO, Honório Rosa Guimarães. Entrevista, São Luís, 12 mar. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

SANTOS, Beatriz Xavier dos Santos. Entrevista, São Luís, 2 abr. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

SILVA, Concimar Linda. Entrevista, São Luís, 16 mar. 2016. Entrevista concedida a Thays Conceição de Jesus Barbosa Silva. Gravado e filmado em DVD.

Vídeos

MACHADO, José Henrique. (2012, Dezembro 18). Príncipe das águas claras: Príncipe de Roma – 1991 [Arquivo de vídeo]. Encontrado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LQHBbO1DZME>> Acesso em: 10 mai. 2016.

MAtv25anos. (2015, Abril 30). MAtv25anos – Memória eletrônica: Príncipe de Roma – Campeão do carnaval 2002. [Arquivo de vídeo]. Encontrado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C2l6Dm84y9w>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

MAtv25anos. (2014, Janeiro 21). MAtv25anos – Raízes na TV: O Príncipe de Roma na passarela do samba em 2006 [Arquivo de vídeo]. Encontrado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UJB5PAwD9MI>>. Acesso em: 10 maio.